

RUGBY

REVISTA

ANO I • N.º 1 • OUTUBRO 1980 • 40\$00



**ÉPOCA DE 79/80
EM BALANÇO**

REGRESSO À FIRA

CENTENÁRIO DE GALES

FESTIVAL DE ABERTURA



COZINHAS



octogono

ESTATUTO EDITORIAL

- 1 — «RUGBY-REVISTA» é uma publicação periódica exclusivamente dedicada ao rugby;
- 2 — O objectivo fundamental de «RUGBY-REVISTA» é o formativo. As restantes facetas, da crítica à informação, cabem, logicamente, no seu âmbito;
- 3 — A orientação e conteúdo de «RUGBY-REVISTA» dependem exclusivamente do seu Editor-Proprietário e do Director;
- 4 — «RUGBY-REVISTA» tem uma posição de total independência nos aspectos políticos e económicos perante quaisquer entidades ou grupos de pressão;
- 5 — «RUGBY-REVISTA» solicitará as colaborações que entender, dentro de um espírito o mais aberto possível;
- 6 — As opiniões, em «RUGBY-REVISTA» deverão ser sempre claramente separadas das notícias, embora sobre estas se possam emitir opiniões;
- 7 — «RUGBY-REVISTA» pretende a maior, e a mais íntima, das colaborações com a FPR, mas, em nenhum caso dela dependerá.

PETER HUGHES escreve sobre a prevenção na arbitragem	21
PINTO DE MAGALHÃES aborda filosoficamente o rugby	12
IAN GIBSON analisa os juvenis portugueses	7
PEDRO LYNCE interroga-se sobre o futuro da selecção	27
MANUEL DA COSTA e os 25 anos do rugby em Coimbra	23
Época de 79/80 em balanço	
Seniores	25
Juniões	28
Juvenis	29
Selecção regressa à FIRA	4
Iniciados em França	6
Técnico vence Festival	9
FPR faz o «ponto»	8
A digressão dos Lions	18
Centenário galês	11
«Wallabies» em grande	20



Foto de Dieter Bauman, premiada pela Associação Alemã de Imprensa Desportiva, em 1976.

Director: João Fragoso Mendes — **Consultor técnico:** Pedro Sousa Ribeiro (Londres) — Cabral Fernandes (Coimbra) — **Fotografia:** José Maurício e Foto-Rugby — **Propriedade:** J. F. Mendes — **Redacção e Administração:** Rua Augusto Gil, 12-2.º Esq. 1 000 Lisboa — **Composição e Impressão:** Empresa Industrial de Fotolitografia, Lda. — Rua Saraiva de Carvalho, 207 C Lisboa — **Distribuição:** Rugby-Revista. Edição Mensal.

PONTAPÉ DE SAÍDA

É costume a «abrir», à laia de pontapé de saída, escreve-se meia dúzia de palavras sobre um qualquer assunto, normalmente momentoso. Aqui não fugimos à regra. Chame-se-lhe «editorial», «nota de abertura» o que quer que seja, hoje, mais do que nunca, parece-nos que se justifica plenamente a sua inclusão.

E isto porque um projecto longamente amadurecido (e desejado) vê finalmente a luz do dia.

Pensamos que fazia falta ao Rugby português uma publicação especializada e que, conseqüentemente. «RUGBY-REVISTA» tem perfeito cabimento.

À imprensa de grande expansão (sabêmo-lo por experiência própria) não pode, pelas suas características, fazer pelo rugby muito mais do que faz. A implantação da modalidade entre nós ainda não atingiu um ponto que justifique mais que os «resultados de fim de semana» e uma ou outra excepção, quando se verificam acontecimentos de impacto. Assim, na ausência, também, de «literatura» específica do rugby, este projecto, que já esteve para ir para a frente uma meia dúzia de vezes, «arrancou» finalmente.

Sabemos que corremos um risco muito grande, mas, ao encetarmos a caminhada até este ponto — a sua publicação — pensámos (e pensámos) ser perfeitamente possível, isto é, viável, fazer chegar às suas mãos uma revista de rugby. Apostamos na qualidade e cremos que os nomes que colaboram (e vão colaborar) em «RUGBY-REVISTA» são disso prova eloquente.

Muitas iniciativas estão na «manga». Pretendemos uma publicação viva, actual e interveniente e por isso «apostámos forte». Não acreditamos naqueles que dizem que em Portugal as revistas versem elas o assunto que versarem não «pegam». Estamos crentes RUGBY-REVISTA provará que tal princípio não é verdadeiro.

O produto de algum esforço aqui está nas suas mãos e nas suas mãos está, também, o seu futuro.

Sabemos que não é perfeito, que poderia ser bastante melhor. Mas o número de «arranque» de qualquer publicação apresenta, logicamente, todos os defeitos de uma experiência. Ainda para mais, sabendo-se das limitações que nos são impostas pelos custos de um empreendimento deste tipo. Mas prometemos melhorar.

Para o mês que vem verá...

SELECÇÃO VOLTA À FIRA

A selecção nacional de seniores vai «regressar», esta época, à actividade internacional, a nível oficial, participando no Grupo C do Campeonato da FIRA, que inclui também as equipas representativas da Suécia, Dinamarca, Bélgica e Suíça.

A competição — uma espécie de III divisão europeia — desenrolar-se-á em «poule» a uma só volta e, nesta reentrada na cena internacional, a selecção portuguesa defrontará em «casa» a Suíça e a Bélgica e deslocar-se-á à Dinamarca e Suécia.

Numa primeira, e breve, apreciação às possibilidades de Portugal deve considerar-se que, em condições normais, a nossa melhor equipa tem quase a «obrigação» de bater os seus quatro adversários. É certo que directamente apenas se conhece o valor do conjunto suíço — ainda há um ano derrotado em Lisboa por 31-0 — e que com os belgas o último contacto já aconteceu há 12 anos (vitória, em Lisboa, por 8-6). Mas, pelas informações disponíveis, o adversário mais difícil será precisamente a Bélgica. Suécios e dinamarqueses, embora poderosos sob o ponto de vista físico, bons placadores e rápidos, estão à quem, tecnicamente, do que os portugueses podem e sabem fazer. Assim, embora com as devidas cautelas, pode, à partida, considerar-se que Portugal é favorito ao triunfo final no grupo e, consequentemente, à passagem, na época de 81/82, ao Grupo B.

Refira-se a título de curiosidade que, na temporada passada, a Suécia foi última do Grupo B — tendo descido automaticamente — a Bélgica foi segunda, do C Dinamarca terceira e a Suíça a quarta. O vencedor desta série em 79/80 foi a Tunísia, este ano a disputar, portanto, o escalão imediatamente superior.

TRÊS GRUPOS E 16 EQUIPAS

Como é facilmente compreensível o Campeonato da FIRA, de que estivemos afastados seis anos, disputa-se, agora em moldes algo diferentes, embora na altura do abandono de Portugal já se notasse a tendência para uma orgânica mais consentânea com a realidade do rugby nos vários países europeus e do norte de África. Um tanto ou quanto desfasados em relação ao modo como as coisas se passam actualmente procuremos, de seguida, dar uma ideia da forma como se disputa a prova.



A selecção apesar do seu regresso à FIRA não vai deixar de defrontar as equipas inglesas que nos visitem. Na imagem uma fase do Portugal-Middlesex de Maio, que os britânicos venceram por 28-13.

No fundo disputam-se três campeonatos — Grupos A, B e C — e, no final de cada época o vencedor do B passa para o A, por troca com o último classificado dessa série; e o primeiro do C troca com o último do B, alterando-se desta forma a composição dos Grupos de época para época.

Nesta temporada de 80/81, as 16 selecções que integram os três grupos do Campeonato FIRA estão assim agrupadas: Grupo A — França (1.ª em 79/80), Roménia (2.ª), Itália (3.ª), URSS (4.ª), Polónia (5.ª) e Espanha (1.ª do Grupo B); Grupo B — Marrocos (último do Grupo A, em 79/80), Jugoslávia (2.ª do B), Holanda (3.ª) RFA (4.ª) e Tunísia (1.º do Grupo C, em 79/80); Grupo

C — Suécia, Bélgica, Dinamarca, Suíça e Portugal.

Registe-se que a Polónia está em risco de ter de abandonar a série principal, pois não tem respeitado uma das cláusulas regulamentares da prova que refere que todos os países que participam no Grupo A terão, obrigatoriamente, de se fazer representar também no Torneio de Juniores. A Federação espanhola, por seu turno, que recentemente está a estudar uma nova política de selecções, encara muito seriamente a hipótese de não tomar parte na competição, isto devido aos encargos financeiros que implicam, por exemplo, as deslocações à URSS, Polónia e Roménia. ■

AS DATAS

O calendário do Grupo C está assim estabelecido:

13.9.80	Dinamarca 4	— Suécia 20	
18.10.80	Suécia	— Bélgica	
1.11.80	Suíça	— Suécia	29.11.80
29.11.80	Bélgica	— Suíça	
28.2.81	PORTUGAL	— Suíça	(Lisboa)
5.4.81	PORTUGAL	— Bélgica	(Coimbra)
12.4.81	Suíça	— Dinamarca	
14.4.81	Bélgica	— Dinamarca	
15.5.81	Dinamarca	— PORTUGAL	(Copenhaga)
17.5.81	Suécia	— PORTUGAL	(Malmö)

Os árbitros estão já designados. Assim o Portugal-Suíça será dirigido pelo espanhol Sacristan; o Portugal-Bélgica, pelo marroquino Chitini; o Dinamarca-Portugal por um francês ainda não nomeado pela FFR; e o Suécia-Portugal pelo belga Roelands.

Registe-se que Luis Feist arbitrará o encontro do Grupo B, entre Tunísia e a Jugoslávia, no dia 16 de Maio de 81.

"VENDER" UMA IMAGEM

J.FRAGOSO MENDES

Por certo muita gente se interrogará se o «regresso» do rugby português à prova de séniores da FIRA será benéfico para a modalidade. Muito sinceramente, julgamos que em parte (a maior) será, noutra nem por isso.

Mas expliquemo-nos. Partimos do princípio que o contacto internacional, a nível de selecção, é necessário (tese que não é partilhada por toda a gente) tendo em vista que isso contribui para o desenvolvimento da modalidade, devido ao estímulo que constitui. Partindo desta permissa, duas opções se punham à Federação Portuguesa de Rugby: ou repetia, em 80/81, a «experiência» inglesa, isto é, voltava a promover uma digressão em Inglaterra; ou então retornava ao convívio dos seus «pares» na FIRA.

Em termos desportivos, no que eles significam de experiência, no criar de «calo»,

uma nova ida até às Ilhas Britânicas poderia servir muito melhor, do que a disputa de quatro jogos de duvidoso interesse com selecções de fraco nível técnico.

Mas, em termos de «imagem» do Rugby português, perante a opinião pública desportiva deste país, já era tempo de «mostrar» algo. Se toda a gente ligada à modalidade sabe que não deslustra levar uma «cabazada» de um Gosforth, por exemplo, o mesmo não sucede com o público leitor de jornais. Anda-se por um lado a afirmar aos «quatro ventos» que o rugby está a progredir e depois leva-se uma tarefa de 50-0? A opinião pública raciociona, em Portugal — é pena, mas é assim — associando tudo ao futebol, e já era tempo de «mostrar serviço».

O contacto com equipas inglesas mantém-se, pois elas continuarão a cá vir, mas em termos de propaganda da modalidade o importante passará a ser a participação no Campeonato da FIRA. É uma prova oficial,

a «doer» — embora custe a muita gente entre nós qualquer manifestação desportiva só interessa quando há pontos em disputa — na qual a selecção tem todas as hipóteses de brilhar.

Assim «pesando» as duas hipóteses parece-nos que o «regresso» à FIRA poderá ser benéfico. Até porque, quanto mais não seja, vamos finalmente poder verificar «onde estamos». Isto é, o que valem frente a equipas, teoricamente, do nosso nível.

Um triunfo no Grupo C (que pode acontecer) terá, de certeza, alguma repercussão e pese embora nenhum dos nossos adversários nos ir ensinar nada, a «imagem» do rugby português melhorará por certo a nível interno. O que não sucederia com nova digressão em Inglaterra, repetimos, onde se poderiam recolher bastantes ensinamentos, mas da qual, em termos de propaganda da modalidade, nada se retiraria. Antes pelo contrário. ■



As jogadas de linha lateral constituem umas das «pechas» do rugby português. Na foto, uma fase do jogo Portugal-Middlesex, disputado em Maio passado, em que tal se demonstra.

INICIADOS VENCERAM EM FRANÇA

Entre 6 e 16 de Setembro deslocou-se ao Sul de França (Costa Basca) uma Selecção portuguesa de Iniciados (época 79/80), ao abrigo do protocolo desportivo existente entre os dois países.

Nos três jogos que disputou, o seleccionado averbou outras tantas vitórias: 20-4 ao Peyrehorade 36-0, ao Colégio Hendaye; e 11-0 ao S. Jean da Luz.

O nível do rugby praticado pelo «quinze» português foi bom e mereceu rasgados elogios. Contudo, não podemos deixar de referir que as equipas francesas foram surpreendidas no início da época, não estando ainda convenientemente estruturadas o que não sucedeu com a portuguesa, resultado de um trabalho encetado no passado mês de Fevereiro, a nível de equipas regionais.

Os oito dias passados em Peyrehorade e S. Jean de Luz, foram preenchidos por um excelente programa social — Campeonato do Mundo de «Surf», em Biarritz, visita a

Dax, passeio de barco, tarde de canoagem e «Windsurf», no Centro Náutico de Soutons, e assistência a dois excelentes espectáculos desportivos: partida de Chistera (pelota basca) e jogo de rugby entre o Beziers (campeão de França) e S. Jean de Luz, a contar para o campeonato da I Divisão.

Naturalmente que o rugby fez parte do programa diário. Além dos jogos, os Iniciados tiveram oportunidade de ser treinados pelos conhecidos técnicos franceses Max Godemet e Gérard Murillo.

Em retribuição a esta visita e de acordo com Fernand Casenave, director técnico da Federação Francesa de Rugby, deverá deslocar-se a Portugal, em Abril de 1981, uma selecção de Iniciados do Comité da Costa Basca que, conjuntamente com três selecções regionais portuguesas disputará o «Torneio Páscoa-81», realizando-se, a

seguir, um estágio com a participação de jogadores dos dois países, dirigido por técnicos franceses.

Registe-se, finalmente, quem foram os 22 jogadores que integraram este seleccionado: Simão, Miguel Pardal, Miguel Albuquerque, Paulo Brito, João Pedro, Diogo Ramos e Francisco Lupi (do CDUL); Francisco Salavisa, Medeiros e Trigo (do Cascais); Sequeira e Nuno Lino (de Agronomia); Paulo Pires (do Belenenses); Paulo Jordão (do Benfica); Peter, Miguel Nuno e João Pedro (do S. Miguel); João Miguel (do Técnico); Carlos Veneno (da Emílio Navarro); Quinteiro e Luís Afonso (do Centro Animação de Coimbra); e Rui Forte (do N.R.V.N. Ourém).

A equipa foi dirigida pelos professores Cabral Fernandes e Francisco Mesquita. Acompanharam-na o professor Delfim Barreira (DGD) e José Sampaio (FPR).

2º TORNEIO INTERNACIONAL SAGRES (SEVEN-A-SIDE)



COIMBRA
6 e 7 de Junho - 1981

2º TORNEIO DE VETERANOS GALP



FIGUEIRA DA FOZ e COIMBRA
7, 8, 9 e 10 de Junho - 1981

COIMBRA

2.000 ANOS DE HISTÓRIA



INFORMAÇÕES:

organização dos torneios

Comissão Organizadora do FIRC 81
Bairro Sousa Pinto, 17
3 000 Coimbra Portugal

turísticas

Posto de Turismo de Coimbra
Largo da Portagem
3 000 Coimbra Portugal
Tels. 2 38 86 - 2 55 76 - 2 37 99



O técnico inglês Ian Gibson dirige no princípio de Setembro um estágio para jogadores Iniciados. Na foto, Gibson dirige-se no Estádio Nacional aos jovens concentrados.

JOVENS SÓ BENEFICIARÃO SE PASSAREM A JOGAR DE 15

IAN GIBSON *

O meu primeiro contacto com o rugby português teve lugar em 1978, quando a selecção juvenil visitou Twickenham.

Nessa ocasião fiquei bastante impressionado com o entusiasmo dos jovens portugueses, com o seu excelente manuseamento da bola, e técnica de placagem. Infelizmente vi-los pouco na «posse» do jogo e, talvez, um pouco cansados na segunda parte.

Dois anos depois, quando voltaram a Inglaterra apresentaram progressos notáveis. Dessa feita demonstraram que haviam aprendido a segurar a bola na formação ordenada e nas jogadas de linha lateral. Assim, o padrão do seu jogo foi bastante diferente do anterior. Contudo o tempo frio que se fazia sentir prejudicou-os no jogo à mão.

No passado mês de Setembro visitei Portugal pela primeira vez e contactei com jogadores ainda mais jovens e menos experimentados. No entanto, imediatamente me demonstraram a sua grande habilidade no manuseamento da bola, na placagem, no pontapé e na corrida.

Na verdade, a sua técnica individual situa-se num ponto bastante alto e, nalguns casos mesmo melhor que em Inglaterra. Beneficiam, obviamente, do facto de jogarem «mini-rygby», ou rugby de «9», jogo

mais aberto e em que a corrida desempenha papel importante.

No entanto, e por outro lado, devido à sua inexperiência do jogo de «15», o seu nível técnico nas formações ordenadas, nas jogadas de linha lateral e nos «ruck» é bastante baixo. Estes jovens necessitam de muito treino neste sector. Mas — e isso prova a sua capacidade de apreensão — para o final do estágio os jogadores apresentaram já evidentes sinais de melhoras, particularmente nos «ruck» e «maul».

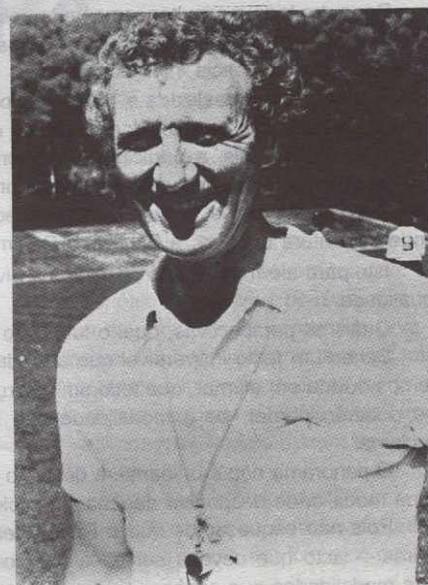
É FUNDAMENTAL BOA PREPARAÇÃO

Penso que os jovens portugueses ainda não realizaram que, para jogar rugby a nível internacional, necessitam estar bem preparados fisicamente. Não é que nós achemos que em Inglaterra as coisas nesse aspecto tenham atingido uma situação óptima. Mas o que é certo é que trabalhamos muito mais nas nossas sessões de treino. Os jovens jogadores devem ter tanto de contacto físico no treino como no jogo a «sério».

Para o futuro os portugueses necessitam ver e jogar quanto mais rugby de «15» quanto puderem. Não há substituto para a experiência que é ver e julgar um jogo e

constatar o que está bem e está mal. Os jogadores que tomam as decisões táticas certas serão os futuros internacionais.

Neste momento a sua apreciação tática é muito limitada, devido à sua falta de experiência. Mas dê-les mais treino e bons jogos a ver, e a Inglaterra terá de se acautelar... ■



* treinador inglês que, em Setembro dirigiu em Lisboa um estágio destinado a jogadores Iniciados

PONTO DA SITUAÇÃO

Na ocasião do lançamento da revista «Rugby», a qual poderá suprir uma lacuna existente nesta área chave da modalidade — a formação/informação — pensou a Direcção da Federação Portuguesa de Rugby esboçar o diagnóstico do momento actual do rugby português, a sua evolução nos últimos anos e as suas perspectivas.

Tem sido enorme o incremento da implantação do rugby nos últimos anos, especialmente de 1974 para cá e, essencialmente junto das camadas mais jovens. O facto resultou, de forma directa, designadamente dos esforços conjuntos das Direcções da FPR e da Direcção-Geral dos Desportos. E assistiu-se a um aumento excepcional do número de praticantes envolvidos em provas oficiais, a ponto de colocar o rugby em 5.º lugar no naipe das modalidades desportivas amadoras — se bem que algumas delas de amadores somente tenham a palavra — e em 2.º lugar no que se respeita ao aumento percentual de jogadores.

Mas ao contrário do que teria sido desejável, diríamos imprescindível, esqueceu-se — não por falta de tino dos dirigentes Federativos, mas por sistemática recessão nas verbas orçamentadas — de que era preciso criar condições, infraestruturas, para que, além de um simples aumento numérico, resultasse uma taxa de aumento constante e um subsequente desenvolvimento qualitativo do jogo.

Esqueceu-se de que era preciso criar uma maior capacidade de resposta em termos de condições de treino — campos essencialmente — em termos de técnicos, árbitros, dirigentes desportivos, capazes de, num todo, corresponderem ao crescente número de solicitações dos praticantes. E hoje, é com certo amargor que se vê, que se constata que, em vez dos cerca de 7 000 praticantes de rugby Federados, poderíamos ter o dobro, pois assistimos diariamente ao desaparecimento, desencorajados e desmotivados, de muitos jovens e, alguns, potenciais valerosos jogadores.

O problema de falta de recintos de jogo é, de todos, o mais angustiante, o mais estrangulante.

Para além da saturação das instalações existentes — é o caso do Estádio Universitário de Lisboa — outras zonas existem, com um tremendo potencial, em que a resolução do problema do campo se arrasta, há anos a fio, nas burocracias intrincadas das repartições e Entidades Oficiais, sujeitas estas e aquelas a constantes mutações dos seus dirigentes, por razões que, relativamente ao fenómeno desportivo, pouco têm a ver... É o caso dos campos de Almada, Elvas, Loulé.

Para além destas, noutras áreas-chaves têm sido desenvolvidos esforços com o objectivo já descrito.

Referimo-nos à Formação — onde se prevê investimentos correspondentes a cerca de 25% do orçamento da F.P.R. em 1980.

R.eferimo-nos à arbitragem, de cuja Comissão Nacional se espera e se deseja melhorias, nesta difícil e quantas vezes espinhosa função.

Por outro lado e simultaneamente temos procurado proporcionar aos jogadores portugueses mais dotados — e em todos os níveis etários — a, quanto a nós imprescindível, experiência internacional.

Para além da já realizada e 100% vitoriosa, em todos os aspectos, digressão a França da Selecção de Iniciados, prevê-se o IV Portugal-Inglatera e a Espanha-Portugal em Juvenis, a participação no torneio FIRA E O Espanha-Portugal em Juniores, o Espanha-Portugal para jogadores com menos de 23 anos e a tão desejada reentrada de Portugal no Campeonato da FIRA também em Seniores, onde defrontará a Suíça, a Bélgica, a Dinamarca e a Suécia.

Isto para além de alguns contactos a nível amistoso com equipas britânicas de qualidade.

Quais as perspectivas, qual o futuro do Rugby em Portugal?

— Sendo um facto irreversível que a modalidade está implantada entre nós, não temos dúvida em afirmar, que todo um esforço e todo um investimento já realizados se poderão perder, se à modalidade não for dado o tratamento que merece e reclama.

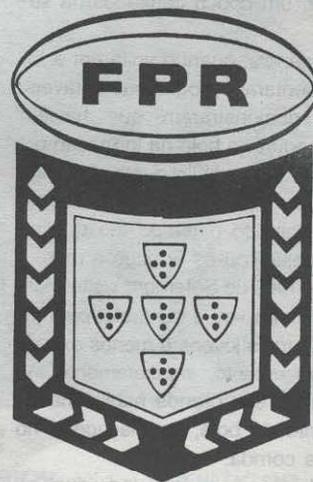
O panorama não é brilhante, a despeito do realizado e do facto de se tratar de uma modalidade desportiva das mais completas.

Pois não esqueçamos que o Rugby, tendo mais praticantes do que espectadores — facto que deveria ser encarado como salutar — não colhe os benefícios das modalidades que enchem os estádios ou pavilhões com milhares de entusiasmados, mas não participantes, «animadores».

A Direcção da F.P.R.



federação
portuguesa
de
rugby





O Técnico foi o primeiro «vencedor» da época, ao conquistar o torneio integrado no «Festival de Abertura». Na foto, uma fase do encontro que os «engenheiros» disputaram (e venceram) frente ao Direito.

TÉCNICO VENCE FESTIVAL DE ABERTURA

Reatando uma tradição, desde há alguns anos interrompida a FRP promoveu, no dia 4 de Outubro o Festival de Abertura, manifestação que marcou o início da época oficial de 80/81.

Integrado no festival disputou-se um torneio comemorativo do «Dia do Rugby» prova que o Técnico ganhou, batendo o Benfica, na final, por pontapés.

A competição desenrolou-se a eliminar à primeira derrota e nela participaram sete equipas tendo os jogos comportado somente 30 minutos, divididos por duas partes, sem intervalo.

De uma forma geral o nível do rugby praticado pelos «quinze» em presença — Técnico, Benfica, Direito, Cascais, CDUL, Belenenses e Cangurus — situou-se em pleno modesto, se bem que, a espaços, se tenha assistido a fases com algum interesse. Quase todas as formações demonstraram, ainda, deficiências naturais na sua ligação

e preparação física. A agravar este último ponto, o calor, verdadeiramente impróprio para esta altura do ano e, principalmente, para ser suportado por quem desenvolve um esforço físico bastante grande, fez-se sentir com particular «exuberância», prejudicando nitidamente a acção dos jogadores. Ainda por cima um lamentável atraso registado no início do festival «atirou» os últimos jogos para as horas mais «quentes». A final, por exemplo, terminou já depois das 14 horas.

De qualquer forma são de registar, para lá do triunfo do Técnico, as boas indicações dadas pela jovem equipa do Cascais que, nomeadamente, frente ao Benfica suportou bastante bem o maior peso e experiência do seu adversário, revelando-se muitos «furos» acima daquilo que na última temporada realizou no decorrer do «nacional» da I divisão.

CDUL ELIMINADO LOGO À PRIMEIRA

O festival «abriu» com o encontro Direito-CDUL. E, com alguma surpresa, os campeões nacionais foram afastados logo à «primeira». No final dos 30 minutos regulamentares registava-se um empate a 4 pontos, pelo que se teve de recorrer à marcação de pontapés de penalidade para desempate. Na primeira série de três, ambas as equipas converteram todas as tentativas, mas à segunda o CDUL falhou uma e os «advogados» transformaram de novo as suas três.

A partida seguinte opôs o Cascais e os Cangurus. A equipa da Costa do Estoril, revelando-se superior, em todos os capítulos venceu por 27-0.

Depois, foi a vez do Benfica defrentar e ganhar (8-0) ao Belenenses, após jogo equilibrado.

O Direito voltou a actuar a seguir frente ao Técnico, isento da primeira «rodada». Mais frescos e revelando-se muito mais determinados, e, até certo ponto, mais ligados os «engenheiros» triunfaram por 9-0.

O Benfica no encontro seguinte bateu o Cascais, por 8-4 resultado que deixa antever as dificuldades dos «encarnados» em ultrapassarem a aguerrida formação do Dramático, como já referimos em muito melhor plano que na última temporada. Os avançados da Luz, decidiram a questão a seu favor, se bem que a equipa tenha dado mostras de algum cansaço e alguma falta de esclarecimento.

A encerrar o Festival disputou-se, naturalmente a final. Apesar de ter sido decidida por pontapés o seu desfecho premiou a equipa que esteve menos mal. Com efeito, sob um calor sufocante, não se poderia exigir muito mais. O Técnico dominou na maior parte do tempo, não tendo nunca conseguido concretizar a sua superioridade de ordem territorial devida às muitas falhas registadas no entrosamento entre jogadores e sectores.

Os finalistas apresentaram as constituições seguintes:

Técnico — J. Carlos Abílio, Tobé, Machado e Vale (lopes); Muralha e Nabais; Claro, Carlos e Santos Dias; Dores (ex-Direito) e Adriano; Narciso., Filipe e Viegas.
Benfica — Rafachinho; Benedito, Henrique, Amaral e Borges (ex-Direito); Gonçalves e Minhoto; Gaio, Faustino (ex-Louletano) e Grenho; Lopes e Osório (ex-Direito), J. Carlos, Ernesto e Silvestre.

FPR ENTREGOU PRÉMIOS DE 78/79 e 79/80

A completar o Festival de Abertura, a FPR procedeu à entrega dos troféus relativos às provas oficiais das épocas de 78/79 e 79/80.

A nível senior o CDUL recebeu os referentes ao «nacional» da I divisão — 79/80. Taça de Portugal — 78/79 e Taça Federação — 79/80; a Académica a Taça de Portugal — 78/79; o Técnico a correspondente ao «nacional» da II divisão — 79/80; e o CDUP O DA II divisão — 78/79.

O S. Miguel recebeu o trofeu referente ao «nacional» de Juniores de 79/80, e o Belenenses o que respeita à mesma prova, mas de 78/79, e a Taça de Portugal do escalão da mesma temporada.

ACADÉMICA VENCEU TORNEIO DE COIMBRA

Entretanto, em Coimbra, a Académica A conquistou a prova que aí decorreu, no mesmo dia que em Lisboa, ao vencer na final o RC Coimbra, por 18-4.

Também aqui o torneio se desenrolou num só dia, com jogos de 30 minutos, mas disputou-se, na primeira fase, em «poule», com as seis equipas divididas por duas séries:

A — Académica B 16-RC Lousã 0; Académica A 26-RC Lousã 0; e Académica A 40-Académica B 0;

B — RC Coimbra 18-GD Moitense 4; RC Figueira da Foz 10-GD Moitense 6; e RC Figueira da Foz 6-RC Coimbra 24.

Depois, para os jogos de escalonamento final verificaram-se os resultados seguintes: RC Coimbra 4-Académica A 18; RC Figueira da Foz 6-Académica B 20; e GD Moitense 8-RC Lousã 16. ■

FOTOGRAFIAS

(nacional)

PUBLICADAS

EM

RUGBY
REVISTA

TAMBÉM

SE

VENDEM

CONTACTE - NOS!

COMISSÃO ORGANIZADORA COMEMORAÇÕES

«25 ANOS DE RUGBY EM COIMBRA»

Boairro Sousa Pinto, 17 3000 COIMBRA

MEDALHA COMEMORATIVA

em bronze 400.00

FAÇA HOJE MESMO O SEU PEDIDO

NOME.....
MORADA.....
LOCALIDADE/CÓDIGO POSTAL.....
TELEFONE.....

A medalha será entregue directamente na morada indicada ou enviada à cobrança.

Neste último caso os fretes do correio serão por vossa conta.



EDIÇÃO NUMERADA DE 500 MEDALHAS

GALES COMEMORA O CENTENÁRIO

A Federação Galesa de Rugby comemora no decorrer da época de 80/81 o seu centenário, acontecimento que, logicamente, está a mobilizar tanto os meios de que dispõe uma das mais poderosas máquinas organizativas da modalidade, a nível mundial, como a atenção de todo o Mundo, mais ou menos ligado ao rugby.

Um dos pontos de maior interesse do programa comemorativo, foi a realização, em Cardiff, entre 11 e 21 de Setembro, de uma Conferência Internacional para Treinadores e Árbitros, que mobilizou representantes de 47 países, especialmente convidados para o efeito. Portugal esteve representado pelos professores Duarte Leal (director Técnico Nacional) e Monteiro da Silva (como treinador) que, juntamente com os cerca de centena e meia de convidados, participaram na conferência e «viveram» de muito perto o ambiente muito especial do rugby no País de Gales.

Tudo o que é «autoridade» no mundo do rugby esteve presente, e os nomes mais credenciados em todos os sectores do jogo encarregaram-se da comunicações, que abarcaram todos os temas possíveis, do mais insignificante pormenor ao problema tático mais inovador. A importância da reunião pode ser facilmente perceptível ao constatar-se que a partir agora, de quatro em quatro anos, sob a égide da «International Board», se irá repetir, para discussão de tudo o que se prende com o rugby.

Entretanto, e uma vez mais, não deve deixar de referir-se que a ideia de formar uma federação internacional (a exemplo de todas as outras modalidades desportivas) foi alvitada. Mas os ingleses consideraram, uma vez mais, a ocasião inoportuna. No entanto, foi admitido que esse será um assunto a tratar num futuro mais ou menos próximo, pois a coordenação da modalidade, fora do âmbito do espírito do jogo e das Leis (da competência da IB) a nível internacional se vai tornando cada dia mais urgente.

ALL-BLACKS EM GALES

A parte desportiva das comemorações será, logicamente, a que prende, em maior

grau, as atenções do público. E os galeses «capricharam» em assinalar o seu centenário de forma condigna.

Assim, a abrir, a modos como que um «aperitivo», a sua selecção defrontou, já,

ALL BLACKS NA TV

As transmissões de rugby pela RTP iniciam-se, esta época um pouco mais cedo que o habitual. Com efeito, o jogo do «centenário», País de Gales — «ALL Blacks», que se disputa no próximo dia 1 de Novembro, no Arms Park de Cardiff, «abrirá» a «temporada» televisiva, que se espera longa.

O encontro irá para o «ar», em directo, a partir das 14 e 30.

em Cardiff, no Arms Park, num «quinze» do «resto do Mundo», constituído por jogadores da Argentina, Canadá, Fiji, Japão, Ro-

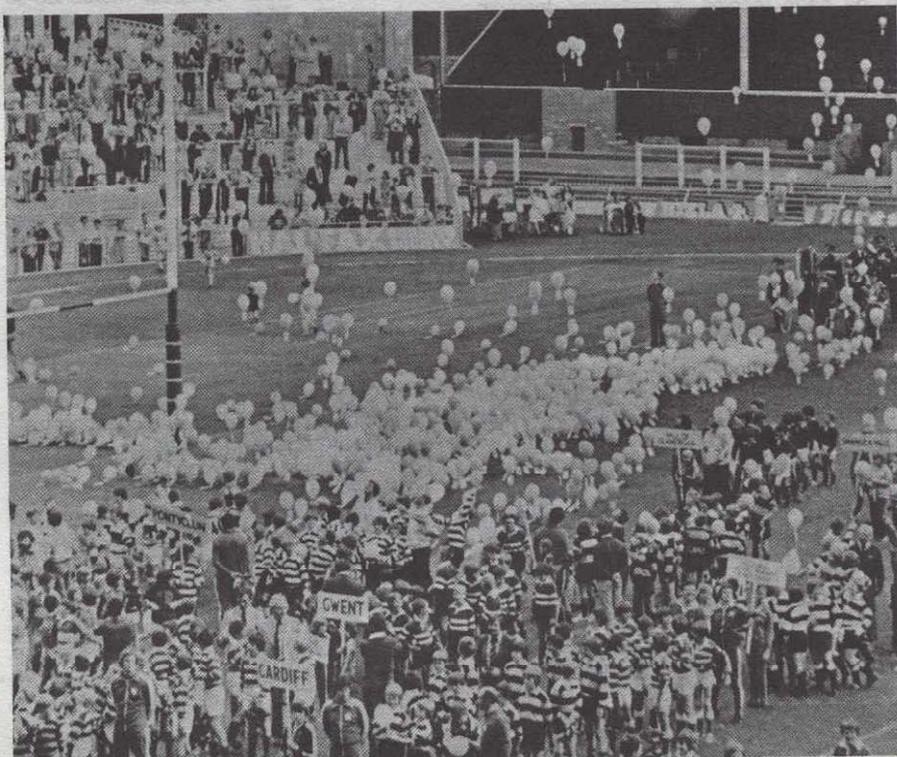
ménia, Tonga, e Estados Unidos, portanto representando países da «segunda linha» do rugby mundial. Os galeses venceram por 32-25.

Mas, o primeiro prato forte» das comemorações vem a caminho. Trata-se da digressão «galesa» dos All-Blacks» que hoje, dia 18 em que Rugby Revista sai para a rua se estreiam frente ao Cardiff.

No dia 21 o adversário será o Llanelli; a 25, o Swansea; a 28, o Newport; e, finalmente, no dia 1 de Novembro, a selecção do País de Gales, o principal jogo, portanto.

No seguimento das manifestações desportivas do centenário, no dia 29 de Novembro disputa-se em Cardiff o encontro (habitual nas Ilhas Britânicas) Gales /Inglaterra — Irlanda/Escócia, isto é, um confronto entre dois mistos dos quatro países.

Em Abril, no dia 25, o ponto será atingido com a realização da partida País de Gales — XV do Presidente (selecção que incluirá tudo o que é «vedeta» do rugby mundial). ■



Aspecto da «gala» de abertura das comemorações da «época» do centenário, realizada, no dia 26 de Julho passado, no Arms Park.



ABORDAGEM FILOSÓFICA DO RUGBY

VASCO PINTO DE MAGALHÃES

Ultrapassado meio século de intensa vida desportiva dentro do qual avultam não menos de quatro décadas de dedicação ao rugby — como praticamente, árbitro, educador-treinador, seleccionador, «escrevinhador», dirigente, etc. — e ultrapassado também um quarto de século de orientação deste desporto, no clube universitário que fundei em 1952 — com o apoio dum entusiástico e generoso grupo, dentre o qual me é grato distinguir o preciso colaborador que foi Serafim Marques (Cordeiro do Vale na TV) — e não me parecendo estar assegurada a permanência dos princípios sob os quais sempre orientara, primeiro a própria Inspeção Nacional do Desporto Universitário, posterior e mais reitramente o CDUL, e, finalmente, apenas a sua secção de rugby, entendi promover e elaboração dum esquema de organização e de trabalho que assegurasse, agora só neste campo mais restrito, a sua sobrevivência dentro da perenidade dos princípios por que sempre se regera. Para tal envidei os meus esforços para mobilizar, na parte administrativa, Franklin Dias (secretário-geral do CDUL), e, na parte técnica, o professor Joaquim Pereira (o popularíssimo Quim Pereira, também meu dedicado colaborador de longos anos). Motivadas essas vontades, elaborei, em Setembro de 1978, um documento composto duma primeira parte dedicada à organização da Secção (estrutura e definição de funções) à qual juntei uma «sinopse muito sinóptica» que desejei contivesse a filosofia com que sempre encarei o meu desporto favorito, não obstante as profundas alterações às suas leis, que foram surgindo no decorrer dos tempos, as quais, porém, em nada impuseram qualquer alteração a essa atitude mental e moral, muito pelo contrário.

É precisamente essa segunda parte desse documento — a que costume chamar «o meu testamento político» — que aqui se transcreve nesta Revista.

Chamei-lhe atrás uma «sinopse muito sinóptica». Muito conscientemente o escrevi e muito conscientemente o fiz; trata-se apenas dum guião que não dispensa os outros de pensar, antes exigindo que o adaptem ao seu saber, sentimento e circunstâncias. Talvez um ponto impusesse mais desenvolvimento dado o profundo abandono com que é encarado entre nós esse ponto de tal modo fundamental no Rugby: o capitano e o seu relacionamento com o orientador exterior à equipa. Ficará para uma próxima oportunidade.

É claro que estou desde já ouvindo a legião dos contramestres-de-obra-feita que entre nós populam: — «Mas que é que há

de novo nisto? Todos nós já o sabemos!» E até talvez seja verdade... para alguns. Somente, há que provar que assim é: pô-lo em prática.

De resto, (I) não me passou pela cabeça ser mais um «original» neste país em que se quer que tudo seja original, sem que estamos ainda empenhados em inventar a pólvora mesmo para fins em que ela deixou de ser usada (a este respeito escrevi um artigo no Diário Popular em 3 de Junho de 1957 em que o título era justamente «Originalidade»), e (II), se sabem, demonstrarmos, pondo-o em prática, repito-o, já que também estamos fartos de saber que, em Portugal «quem sabe... faz, quem não sabe... ensina».

Ora foi com esta abordagem filosófica, que está na base daquilo que me havia de trazer o epíteto do inventor do «rugby-cor-de-rosa» — de que muito me orgulho — que o CDUL, que, iniciara a sua actividade no rugby em 1953, inaugurou as suas vitórias no Campeonato de Portugal após dez anos passados a aprender, praticar e estruturar as suas equipas, mantendo-se seis anos seguidos nessa cúpula de campeão nacional, conquistando praticamente todos os títulos que disputou nesse período (no país e no estrangeiro). E logo com nova escola de iniciados em 1969 — 70, praticamente imbatível durante os sete anos da sua ascensão etérea e que é hoje a base da equipa principal do CDUL, mais uma vez ainda campeão nacional em 1980, conquistando assim 11 títulos, dos 25 disputados sob a égide da FPR, de 1956 a 1980.

PRINCÍPIOS FILOSÓFICOS DA ABORDAGEM DO RUGBY — (1)

101. O Rugby é um desporto onde o *contacto físico é inevitável*, podendo dizer-se mesmo que *fundamental*.

Logo, à partida, duas condições: — *exigência dum arco-boço forte*, i.e., uma ossatura muito resistente, bons ligamentos e um revestimento muscular apropriado;

— *quem tiver receio da dor física e não estiver disposto a dominar esse receio* — e não é este o menor contributo do rugby na formação da juventude — deve procurar outro desporto onde o mesmo se não verifique, e são quase todos (não há lugar para pieguices).

102. O rugby de bom nível é *jogado «sob pressão»* de modo que todos os seus gestos fundamentais devem ser aprendidos de *forma «perfeccionista»* a tal ponto que

se tornem uma «segunda natureza», uma espécie de instinto (não há tempo para pensar) ou, melhor ainda, um «reflexo condicionado».

103. O rugby é um jogo que se pode definir dizendo que *é um jogo em que, fundamentalmente, se corre e se placa*.

— *corre-se* (1) com a bola quando está nas nossas mãos, (2) *corre-se* em apoio do nosso companheiro que está na sua posse e (3) *corre-se* para perseguir os adversários quando a bola lhes pertence; — *placa-se* o adversário para (1) parar o seu ataque, para (2) *lhe arrebatar* a bola (ganhar a sua posse), (3) *tirar-lhe* o fôlego e, ainda, (4) *impor-lhe* respeito.

Em resumo, corre-se — e a direito — quando a bola está na posse da nossa equipa porque não se marcam ensaios sem chegar à área-de-validação — e está na nossa frente — corre-se e placa-se quando a bola está nas mãos do adversário para a recuperar porque sem ela não se marcam ensaios.

104. O rugby é um jogo de ataque, isto quer dizer que, mesmo nas situações de defesa estas não devem ser tomadas se não como *acontecimentos fortuitos destinados a recuperar a bola e repartir para o ataque*.

105. O rugby é um jogo de equipa que *não admite vedetismos ou que alguém pense que por si só resolve os jogos*. Na realidade, umas boas linhas atrasadas sem avançados que ganham bolas (e bolas de qualidade) passam o tempo a tentar parar os adversários; de igual modo, um bom «pack» que não possa confiar nas suas linhas atrasadas não abre jogo e atraiçoa o seu espírito e/ou vê o adversário furar a defesa de linha sem que possa actuar. Como é evidente que um só bom avançado não pode bater o «pack» adversário ou **é canalizado para um só jogador das linhas atrasadas. E sem um bom par de médios não há ligação possível.**

Isto exige ainda uma grande entre ajuda entre todos os compartimentos e entre todos os jogadores da equipa; nomeadamente no aspecto psicológico, evitando críticas mas antes fortalecendo o moral do companheiro mal sucedido.

106. O jogador deve conhecer muito bem as Leis do Jogo e esforçar-se para *ter sempre a noção do que está a passar-se ou vai passar-se seguidamente* pois só assim está sempre pronto a ser útil à sua

equipa, em posição, pronto a apoiar o seu companheiro que está na posse da bola ou a bloquear as jogadas do adversário.

107. *Um jogador está sempre ocupado, i.e, tem de estar sempre dentro da jogada pois:*

— ou a bola está em reposição e está preparado para a disputar e/ou dar continuidade ao jogo;

— ou a bola está nas mãos dos seus companheiros de equipa e está procurando posição para lhes dar apoio;

— ou a bola está no adversário e compete-lhe também tomar posição para, de acordo com as Leis, o impedir de jogar e reconquistar-lhe a bola.

Não há lugar nem momentos para jogadores a passar no campo, de mãos nos bolsos, olhando para fora do rectângulo, etc.

108. *O jogo só se interrompe ao apito do árbitro, isto quer dizer que um jogador que comete uma falta não pode parar antes do apito porque o funcionamento da Lei da Vantagem, se o jogador se mostra vencido pela falta que cometeu, vai levar justamente o árbitro a não apitar para beneficiar o adversário.*

109. *Mesmo nas interrupções o jogador não deve esquecer a regra de ouro — «ter sempre os olhos na bola» — pois pode sempre surgir o imprevisto acrescido da rapidez de reflexos do adversário. Esta regra é quase universal, só admite como excepção certos «renversés» fintados e certos «screen-passes». Mesmo nas fases estáticas (formação e «touche») e nos reagrupamentos («maul» e «ruck») os jogadores devem esforçar-se para ver sempre a bola.*

110. *Embora numericamente o objectivo do rugby seja marcar pontos, o seu real objectivo desportivo é marcar ensaios. De qualquer forma, sem bola não se marcam golos ou ensaios, donde a necessidade de assegurar a posse da bola e «posse de qualidade». Então, para além dum bom mecanismo na formação e um bom dinamismo na «touche», os avançados devem ser super-treinados nos reagrupamentos tendo sempre em vista o ditame inglês «bola sim, apito não» para o que tem que aprender a (1) conservar-se em pé, levantando-se rapidamente quando caso disso, (2) ligar-se fortemente entre si, (3) com a inclinação suficiente para concentrar a sua força de impulso no adversário, (4) evitar o mais possível virar-se de costas para este, sobretudo os três primeiros chegados. Não esquecer portanto nunca que o rugby é um jogo que se joga em pé por isso qualquer*

jogador que por motivo justificado caia deve levantar-se imediatamente até porque ter em vista que um jogador não está no «ruck» se não tiver os pés assentes no solo, pode ser punido e não é com certeza útil à sua equipa. Para isso os jogadores, normalmente os avançados, não devem esquecer-se que se carrega com o corpo inclinado e abrindo as pernas de modo a obter uma boa base de sustentação.

111. *Consequentemente, manter o adversário sob pressão, tirar-lhe a iniciativa, fazê-lo cometer erros e conquistar-lhe a bola. E, uma vez na posse dela não a desperdiçar, nunca devendo passá-lo a um companheiro de equipa em pior posição, nunca devendo deixar-se morrer com ela, sem procurar, ao ser placado, desembaraçar-se inteligentemente, passando-a, ou agindo, dentro das Leis, com saber e tempo para aguardar o apoio dos seus avançados, provocando um reagrupamento, nem nunca chutando sem ter a seu favor uma probabilidade maior do que o adversário de voltar a ganhar a bola, quer antecipando-se no seu ponto de queda quer por superioridade nas jogadas de «touche».*

112. *Resumindo, ter sempre presentes quer a «Regra dos 3 PPP» de Charles Saxton:*

Posição — para poder dar apoio ou parar o adversário;

Posse — para poder marcar;

Passada — para garantir o andamento positivo da equipa, quer a dos «Quarto Principios» de Ray Williams;

Atacar em frente — porque em frente é que está a meta;

Apoiar sempre — porque o rugby é um jogo de equipa;

Dar continuidade ao jogo — porque sem isso, não se chega à linha-de-meta;

Pressão sobre o adversário — porque não se pode deixá-lo ter a iniciativa e tem que se lhe conquistar a bola.

113. *O papel do capitão da equipa é «basilar», dentro e fora do campo. Mas o verdadeiro capitão tem de ter um prestígio integral que vem justamente do seu comportamento dentro e fora do rectângulo. Exige qualidades de comando inatas mas pode sempre aperfeiçoar-se. Tem de dar o exemplo na sua entrega total, com temperada alegria, nunca desistindo, suportando dores pessoais e contrariedades da equipa com toda a virilidade, sem nunca virar a cara. Tem de conhecer bem as Leis. E é de sua vantagem conhecer bem o jogo e ser um estratega.*

NOS GESTOS FUNDAMENTAIS HÁ QUE SER PERFECCIONISTA (2)

201. *Correr com a bola correctamente*



segura nas duas mãos e descontraído (apto a passar para qualquer dos lados), excepto em campo completamente livre ou para execução de «hand-off».

- a) correr a direito;
- b) correr em zig-zag;
- c) correr em desvio curto, atraindo e torneando «drawand, swerve», com e sem «hand-off»;
- d) o mesmo em desvio longo;
- e) correr em passo dobrado «side-step», um só ou com repetição;
- f) correr com passo para o lado «step-away», preparativo do passe e de sua finta;

202. *Passe normal (passe e recepção indo buscar a bola)*

- a) parado (balanceando os braços e fazendo chamada com o pé da frente);
- b) andando (atenção ao pé de apoio no solo);
- c) correndo (passador sem perder velocidade/recebedor arrancando);
- c') ensaiando o «step-away»
- c'') sobre a perna contrária, para dobrar;
- d) procurar atingir o nível do «1; 2» mesmo gritando);

203. *Passes especiais do médio-de-formação (sem e com mergulho);*

- A) direito (com e sem escovamento da bola);
- b) rodando (pião);
- c) invertido «renversé».

204. *Passes mais próprios de avançados.*

- a) «screen-passes»
- b) a 2 mãos erguidas (próprio da

«touche»;

c) de balão (com uma só mão).

205. Passe muito comprido.

a) de torpedo (normal por cima da cabeça e ao nível da cintura);

b) de granada;

206. Apanhar bolas do chão.

a) com uma só mão (de lado)

b) com as duas mãos (de frente)

207. Encaixe de balão (relacionado com pequenos pontapés);

208. Paragem de «dribling» (relacionado, tanto quanto possível, com reagrupamento: «rucks» e «mauls».

208. Paragem de «dribling» (relacionado, tanto quanto possível, com reagrupamentos: «rucks» e «mauls».

209. Pontapés.

a) pontapés-de-balão (parado e em corrida/normal e de torpedo/pontapé-a-seguir);

b) pontapé-de-ressalto (parado e em corrida);

c) pontapé-colocado;

d) «grubbers»;

210. Placagem.

a) de lado;

b) de costas;

c) de frente;

211. Finta de passe (sem e com «hand-off»).

221. Posição do corpo dos avançados (inclinação e abertura de pernas).

a) na carga (atenção ao ombro e preparação do «sceen-pass»);

b) na fixação para um «maul»;

c) num «ruck»;

213. Ligação nas formações;

a) ordenadas;

b) espontâneas baixas «rucks»;

c) espontâneas altas «mauls».

214. Salto na «touche», com passo de balanço.

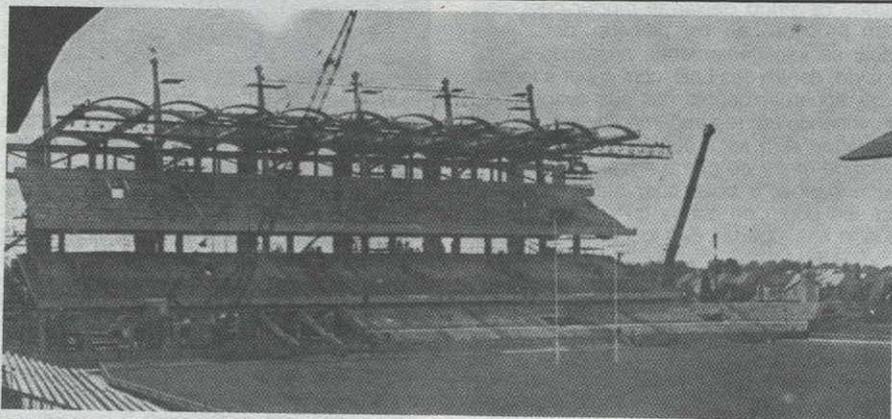
a) com introdução própria (a 2 mãos, com 1 mão em «amorti»;

b) sob introdução do adversário (penetrar na linha adversária).

215. Apoio ao saltador na «touche» (tipo «wedge»).■

(subtítulos de responsabilidade da Redacção)

lá fora



Aspecto da obra de ampliação de Twickenham.

TWICKENHAM “CRESCER”

O estádio de Twickenham está a sofrer obras de ampliação, com a construção de uma nova bancada no seu topo Sul, que irá aumentar em cerca de 11 mil lugares a sua lotação.

Quando estiver completa, o que se julga venha a acontecer no princípio do próximo

ano — o jogo Inglaterra-Escócia do Torneio das Cinco Nações deverá ser o inaugural — comportará 5 500 lugares sentados e 5 700 em pé, elevando, assim, para 83 700 a lotação oficial da «catedral» do rugby. O custo da obra está estimado em cerca de 250 mil contos.

LONDON SCOTTISH VENCE

O London Scottish venceu o «Festival de Clubes Seniores de Londres», uma prova disputada em Twickenham, que esta temporada teve a sua segunda edição, e marcou a abertura da época inglesa.

As 13 principais equipas londrinas e a francesa do Bagnères participaram no torneio — disputado de forma semelhante ao

nosso Festival de Abertura — e na final os vencedores bateram o Wasye, por 7-3. Até ao jogo decisivo o London Scottish venceu sucessivamente o Rosslyn Park (4-0), Metropolitan Police (4-0), Heriots (6-0) e o Maidstone (6-0).

Esta prova, suportada financeiramente pela empresa «Charrington» (cervejas) foi ganha em 1979 pelo Heriots.

GALES -INGLATERRA “INAUGURA” CINCO NAÇÕES

A edição de 1981 do Torneio das Cinco Nações está à «porta». Com efeito, a jornada inaugural está marcada para o próximo dia 17 de Janeiro e, logo a «abrir», inclui nada mais nada menos, do que a partida País de Gales - Inglaterra, a disputar no Arms Park de Cardiff. Entretanto, no mesmo dia, no Parque dos Príncipes, a França recebe a visita da Escócia.

As jornadas seguintes são compostas pelos encontros seguintes: 7 Fevereiro — Irlanda-França e Escócia-Gales; 21 Fevereiro — Gales-Irlanda e Inglaterra-Escócia; 7 Março — França-Gales e Irlanda-Inglaterra; 21 Março — Inglaterra-França e Escócia-Irlanda.

FIM DO JEJUM

Pela primeira vez nos últimos seis anos, uma selecção da África do Sul saiu do seu país para efectuar uma digressão no exterior. Os sul africanos encontram-se, neste momento, em Montevideo, onde disputaram já o seu primeiro encontro — precisamente no dia em que «Rugby-Revista» fechava esta edição — e, voltarão a actuar no próximo dia 25, em Santiago do Chile, em ambos os casos frente aos «quinze» nacionais uruguaio e chileno, respectivamente.

JUNTO À FORMAÇÃO

O jogo entre Agronomia e Direito, da jornada inaugural do Torneio de Abertura, decidiu-se junto à formação.

Na realidade foi ali, em redor dos dois «pack» que a «sorte» da partida foi jogada. Os médios, de um e de outro lado, desempenharam papel preponderante na condução do encontro — como lhes compete, mas sempre sucede.

Do lado de Agronomia o «formação» José Albergaria (nas fotos em plano de evidência), normalmente «vencedor» do duelo com Mário Leite Santos, desenvolveu um excelente exibição, tendo contribuído, de forma decisiva, para o desfecho final, bastante bem acompanhado, de resto «abertura», Duarte Lynce.

Por banda do Direito, se Leite Santos esteve infeliz, o mesmo não se poderá dizer de Pedro Leal que, no dia do reaparecimento, ia dando o triunfo à sua equipa, mercê dos magníficos «pés» que possui.

As duas terceiras linhas, por seu turno, equivaleram-se mas o ex-Belenenses Miguel Guerreiro (em foco também nas duas imagens) merece uma referência especial, pela forma como se bateu ao longo dos 80 minutos.





LIONS NA ÁFRICA DO SUL: O SALDO FOI NEGATIVO

A digressão dos British Lions — a selecção dos quatro países britânicos — na África do Sul realizada em Maio, Junho e Julho passados teve um balanço negativo. Normalmente o saldo positivo ou negativo deste tipo de digressões é avaliado pelos resultados dos chamados «test match», ou seja os jogos entre os Lions e a selecção do país que recebe, neste caso, a África do Sul. E, este ano, se bem que os britânicos tivessem vencido todos os encontros com selecções regionais, o saldo foi-lhes desfavorável por 1-3, isto é, nos quatro «test match» disputados, a África do Sul venceu três e o Lions apenas um, precisamente o último.

Esta deslocação dos British Lions foi, desde o início, marcada por diversos tipos de problemas. Desde a forte oposição que alguns meios britânicos manifestaram, devido à política de «apartheid» seguida na África do Sul, até ao elevado número de jogadores lesionados durante a digressão, e que tiveram de ser substituídos, passando pela não disponibilidade de alguns outros, considerados indiscutíveis — casos de Fergus Slattery, Tony Neary, Steve Fennwick e Andy Irvine, por exemplo — os problemas sucederam-se e afectaram o rendimento da equipa.



Ray Mordt, em acção no decorrer do primeiro teste, é natural do Zimbabwe e alinhou pelos «Springboks». Até há pouco tempo os rodesianos eram incluídos nos «quinze» sul africanos, mas com a independência do Zimbabwe seria natural que os originários do novo país não voltassem a sê-lo.

Os Springboks apresentaram uma formação dotada de meios físicos excepcionais, mas, sobretudo a nível de avançados, patentearam algumas deficiências de ordem

técnica. O «pack» dos Lions, menos pesado que o do seu adversário dominou os quatro testes, não conseguindo, porém que essa vantagem se concretizasse em termos numéricos. Especialmente a primeira e segunda linhas rubricaram actuações de grande categoria. No entanto, as linhas atrasadas umas vezes falharam os pontapés em momentos cruciais e noutras ocasiões demonstraram falta de talento para concretizar em movimentos ofensivos e posse da bola obtida em boas condições.

É certo que o problema das lesões impediu que os Lions assentassem numa equipa tipo — utilizaram, por exemplo, três médios de abertura (Gareth Davies, Tony Ward e Ollie Campbell) — mas este facto não é escusa para a falta de concretização demonstrada.

Os «aberturas» usaram demasiadas vezes os pontapés, para o lado aberto, o que permitiu contra ataques perigosos por banda dos «pontas» e «defesa» da África do Sul. Só no quarto teste o médio de forma-

SOLTAS

Na digressão estava também previsto, como tradicionalmente, um jogo com o Zimbabwe. No entanto a FR do Zimbabwe cancelou-o após intervenção, nesse sentido, do primeiro ministro, Robert Mugabe.

Em substituição dos Lions deslocou-se ao Zimbabwe uma forte equipa inglesa de convites, o Public School Wanderers (que há uns anos esteve em Portugal, se bem que com um «quinze» sem vedetas, muito mais fraco) que incluía, entre outros, Ken Kennedy, Mike Rafter, Clive Rees, Peter Squires, Iam MacLaughlan, Steve Smith, Moss Kean e Fergus Slattery. Os PSW venceram os dois jogos que realizaram, em Salisbúria e Bulawayo, por 39-20 e 23-20.

Stuart Lane deve ter batido um «record» nesta digressão: jogou apenas um escasso minuto. O excelente flaqueador escocês lesionou-se no primeiro jogo, logo após o começo e regressou, de seguida, à Grã-Bretanha.

OS RESULTADOS

Lions	— Províncias do Leste	28-16
»	— S. A. R. A. XV a)	28- 6
»	— Natal	21-15
»	— S. A. XV b)	22-19
»	— Est. Livre de Orange	21-17
»	— S. A. R. Fed. XV c)	15- 6
»	— ÁFRICA DO SUL	22-26
»	— Seleccção Condados	27- 7
»	— Transval	32-12
»	— Leste Transval	21-15
»	— ÁFRICA DO SUL	19-26
»	— África do Sul sub 23	17- 6
»	— Norte Transval	16- 9
»	— ÁFRICA DO SUL	10-12
»	— A.S. Barbarians	25-14
»	— Províncias Oeste	37- 6
»	— Oeste Griqualand	23-19
»	— ÁFRICA DO SUL	17-13

a) Equipa representativa da South Africa Association — que agrupa os clubes de jogadores de raça negra.

b) Equipa de convites constituída por jogadores das três raças.

c) Equipa representativa da South Africa Rugby Federation — que agrupa os clubes de jogadores de raça mestiça.

ção John Robbie executou pontapés acertados, sob o ponto de vista tático, para a frente dos seus avançados, procurando

concentrar o jogo no ponto onde os Lions tinham vantagem.

As linhas atrasadas mostraram-se, por



O inglês Beaumont capitaneou a equipa britânica neste «tour» pela África do Sul.

outro lado, demasiado permeáveis na defesa e, no ataque, estiveram longe dos seus antecessores de 1974, data da ante-



Fase do terceiro «teste», reconhecendo-se os dois «capitães»: em pé, o dos Lions; no chão o sul africano, Morne du Plessis.

rior digressão britânica pela África do Sul. O que aliás não espanta pois nessa altura os Lions dispunham de grandes talentos

QUEM FOI

A delegação dos Lions foi chefiada por Syd Millar (Irlanda), inceria o treinador Noel Murphy (Irlanda), o médico Jack Matthews (Gales) e os seguintes 30 jogadores:

PILARES — Price (Gales), Cotton (Inglaterra)*, Blakeway (Inglaterra)* e Williams (Gales);

TALONADORES — Wheeler (Inglaterra) e Phillips (Gales);

2ªS LINHAS — Beaumont — cap. (Inglaterra), Colclough (Inglaterra), Martin (Gales) e Tomes (Escócia);

N.ºS 8 — Quinell (Gales) e Beattie (Escócia);

FLANQUEADORES — O'Driscoll (Irlanda), Lane (Escócia)*, Tucker (Irlanda) e Squire (Gales);

MÉDIOS DE FORMAÇÃO — Patterson (Irlanda) e Holmes (Gales)*;

MÉDIOS DE ABERTURA — Campbell (Irlanda) e G. Davies (Gales)*;

CENTROS — Renwick (Escócia), Richards (Gales)*, Woodward (Inglaterra) e Gravell (Gales);

PONTAS — Slemen (Inglaterra)*, Carleton (Inglaterra), Hay (Escócia) e E. Rees (Gales)*;

DEFESAS — O'Donnell (Irlanda)* e Morgan (Gales)

* jogadores que regressaram a «casa», por Lesão, antes do final da digressão, excepto Slemen que não concluiu o «tour» por razões de ordem particular.

Juntaram-se, posteriormente, à comitiva, para substituir os lesionados, os seguinte elementos: Stephens e G. Williams (Gales); Orr, Robie Ward (Irlanda), Dodge (Inglaterra) e Irvine (Escócia).

— Gareth Edwards, Phil Benett, Mike Gibson, Gerald Davies e J. P. R. Williams, entre outros.

A África do Sul baseou o seu jogo na ca-

OS NÚMEROS DE II DIGRESSÕES							
ANO	N.ºJgs.	VIT.	EMPT.	DERRT.	PONTOS	Result.Test. Match.	
1891	19	19	—	—	224-1	4-0, 3-0, 4-0	3-0
1896	21	19	1	1	310-45	8-0, 17-8, 9-3, 0-5	3-1
1903	22	11	3	8	231-138	10-10, 0-0, 0-8	0-1 2E
1910	24	13	3	8	290-236	10-14, 8-3, 5-21	1-2
1924	21	9	3	9	175-155	3-7, 0-17, 3-3, 9-16	0-3 IE
1938	23	17	6	—	407-272	12-26, 3-19, 21-16	1-2
1955	24	18	1	5	418-271	23-22, 9-25, 9-6, 8-22	2-2
1962	24	15	4	5	351-208	3-3, 0-3, 3-8, 14-34	0-3 IE
1968	20	15	1	4	377-181	20-25, 6-6, 6-11, 6-19	0-3 IE
1974	22	21	1	—	729-207	12-3, 28-9, 26-9, 13-13	3-0 IE
1980	18	15	—	3	401-244	22-26, 19-26, 10-12, 17-13	1-3
TOTAIS	238	172	23	43	3913-1958	14 V. 6 E. 20 D. (383-461)	

pacidade de percussão dos seus jogadores, na produtividade do seu jogo ao pé, na grande rapidez sobre a bola e, muito importante, no facto de terem sabido aproveitar,

com oportunidade, os erros que os Lions cometeram na defesa.

Uma última palavra para salientar a extrema correcção com que todos os jogos decorreram. — P S R ■

“WALLABIES” EM GRANDE

Para lá da digressão dos Lions à África do Sul, uma outra, também tradicional, realizada na mesma altura merece uma breve referência. Trata-se da efectuada pelos «All Blacks» à Austrália.

E, também aqui, a vantagem de jogar em «casa» se fez sentir, pois os «Wallabies», nos «test match», venceram por 2-1. Mas, atenção, a equipa australiana, talvez a mais

jovem das grandes selecções mundiais, mostrou à evidência uma categoria que, para muitos comentadores faz dela o melhor «quinze» mundial de momento. Na realidade «dar» 26-10 aos neo-zelandezes (a maior diferença registada desde sempre nos jogos entre as duas selecções) não é para qualquer.

Uma selecção muito jovem (a média de

idades situa-se nos 21 anos), com umas linhas atrasadas fora de série (e estas ainda mais jovens, com 19 anos de média) deu um verdadeiro «festival» frente aos poderosos «All Blacks». Para lá do «histórico» resultado de 26-10, verificado no terceiro «test», em Sidney, os «Wallabies» haviam triunfado no primeiro, por 13-9, e perdido o segundo por 9-12. ■

PREVENÇÃO (I) ANTES DO JOGO

PETER HUGHES *

Hi! um velho ditado que diz que a Prevenção é melhor que a Cura e o conceito de medicina preventiva é hoje globalmente aceite como o que melhor protege o doente. É sempre preferível tomar providências antes da pessoa ficar doente a agir só depois de declarada a doença.

O mesmo se aplica à arbitragem. Penso que quaisquer medidas que se adoptem antes da infracção às regras, evitando assim as penalizações, beneficiam sempre o jogo. Na Regra 6A (3) dizem-nos que o árbitro deve aplicar com justiça as regras do jogo sem qualquer variação ou omissão. Não tem, por conseguinte, qualquer possibilidade de actuar fora do âmbito daquelas regras.

Para mim o jogo ideal seria aquele em que as únicas vezes que tivesse que apitar fosse para dar início à partida, validar vários ensaios, assinalar conversões e interromper o jogo no fim da primeira parte e no termo da partida. O jogo seria bastante movimentado e todos acabariam extremamente cansados. Felizmente, para os mais velhos de nós, este jogo perfeito nunca se verifica. A técnica inadequada e as infracções às regras por parte dos jogadores obrigam o árbitro a pitar e a interromper o jogo.

Os responsáveis por essas interrupções são, evidentemente, os jogadores, mas o árbitro pode assegurar, através da aplicação correcta das regras, condições óptimas para a actuação dos jogadores. Se, por acção do árbitro, os jogadores puderem ser levados a não infringir as regras, o número de interrupções será evidentemente menor. A aplicação inteligente da Regra 8, relativa à «Vantagem» — que é de importância primordial — reduzirá igualmente a frequência das interrupções.

Na prática, como poderá ser aplicado este conceito de Arbitragem de Prevenção?

1. ANTES DO JOGO

(a) As lesões de jogadores podem ser evitadas da seguinte forma prática:

1. Verificando o terreno e eliminando quaisquer obstáculos perigosos. Remover tijolos, pedaços de arame, etc. Nos Estados Unidos tive que pedir aos guardas do campo que cobrissem uma boca de incêndio. No Japão foi preciso mandar tirar as pedras que formavam um círculo para lançamentos. Assegure-se de que os postes de baliza são seguros e de que as bandeirolas de canto são feitas de madeira flexível.

2. Verificar os «pitons» das botas para ver se há alguma extremidade afiada, tendo especial cuidado com os de plástico. Verificar igualmente as ilhós e a vira da bota para que não hajam pontas salientes.

3. Assegurar-se de que não são usados quaisquer anéis ou correntes. Um árbitro de Trinidad chegava mesmo a inspecionar as unhas dos jogadores. Pensò, no entanto, que levar para o campo um estojo de manicure seria estar a levar demasiado longe o conceito de arbitragem de prevenção.

(b) Qualquer confusão na altura das substituições pode ser evitada estudando com representantes das equipas o número a efectuar durante o jogo e informando depois os capitães de equipa e o médico sobre o procedimento a adoptar na eventualidade de algum jogador se lesionar.

(c) Os atrasos na prestação de assistência a um jogador lesionado podem ser evitados combinando com o treinador ou o massagista o sinal a fazer caso a sua presença venha a revelar-se necessária. Pessoalmente, dou um apito longo e levanto o braço para o treinador e dois apitos longos com o braço levantado caso a lesão pareça mais grave e seja necessário um médico. Saber sempre onde estão sentados o treinador e o médico.



(d) As decisões incorrectas relativas a passes para a frente ou deslocações podem ser evitadas havendo um bom conhecimento da geografia do campo. Dê uma volta pelo terreno de jogo e observe se as instalações do clube ficam paralelas às linhas laterais. Haverão árvores ou postes de iluminação por detrás da baliza que possam induzir em erro quando se tratar de decidir sobre um pontapé livre? A distância às bancadas é a mesma à volta de todo o campo?

(e) Qualquer mal-entendido com os juizes de linha pode ser evitado conversando com eles antes do jogo sobre as respectivas funções:

1. Colocarem-se na linha de 10 metros para o pontapé de saída.

2. Assinalarem caso a bola vá directamente para fora depois de um pontapé de ressalto, ou pontapé de saída.

3. Não passarem para trás dos postes de baliza para um livre antes de ser dado sinal pelo árbitro.

4. Conjugarem com o outro juiz de linha a posição por trás dos postes de baliza e assinalar os golos.

5. Se quando colocados junto à bandeirola de canto tiverem a certeza da validade de um ensaio passarem imediatamente para trás dos postes de balizam.

6. Actuarem no caso de jogo incorrecto..

7. Manterem-se na linha lateral até a bola alcançar o miolo do terreno assistindo assim o árbitro na marcação da «vantagem».

(f) As discordâncias com o capitão e jogadores podem ser evitadas através da atitude adequada antes do jogo. Para conseguir a confiança dos jogadores é necessário dar uma imagem de eficácia e organização. Vigiar o sorteio de campos e provi-

deniar para que cada «capitão» saiba qual dos «quinzes» dará o pontapé de saída.

Tome nota da decisão para que não haja qualquer equívoco quando as equipas forem para o campo. Lembre-se de que está lá como convidado do clube e por causa do jogo, e não o contrário, ou seja, o jogo realizar-se por você lá estar.

Bata sempre à porta dos vestiários antes

árbitro.

(g) Os exercícios de aquecimento podem ajudar a evitar lesões. Os jogadores passam actualmente vários minutos em exercícios de aquecimento antes do jogo. É igualmente importante que o árbitro esteja preparado para correr o máximo a partir do apito inicial sem receio de problemas musculares.

devem abandonar as cabines. Lembre-se de que há inevitavelmente um intervalo de tempo entre o momento em que você bate à porta da cabine e a altura em que os jogadores saem e que há que contar também com a distância das cabines ao campo de jogo.

Tomando estas medidas preventivas antes do jogo, ficam reunidas as condições



«Para mim o jogo ideal seria aquele em que as únicas vezes que tivesse de apitar fosse para dar início à partida, ensaios, assinalar conversões e interromper o jogo no fim da primeira parte e no termo da partida».

de entrar. Quando me visto no mesmo vestiários de qualquer das equipas saio sempre uns vinte minutos antes do pontapé de saída. É muito frequente os «capitães» quere-rem dizer alguma coisa sobre o árbitro.

(h) Um horário bem planeado pode permitir evitar a falta de pontualidade e assegurar que o jogo comece à hora marcada. Estar certo de que os capitães sabem a hora exacta a que as respectivas equip ts

para uns agradáveis 80 minutos de rugby jogados em circunstâncias óptimas. ■

(CONTINUA)

* Árbitro Internacional inglês; membro da comissão distrital de Manchester

NO NÚMERO DE NOVEMBRO: PREVENÇÃO (II) “DURANTE O JOGO”

COIMBRA E A ACADÉMICA COMEMORARAM 25 ANOS

MANUEL DA COSTA

Foi no princípio do Verão passado. Então, Coimbra e as suas gentes, durante uma data de dias, marcaram encontro e divertiram-se com as realizações em presença.

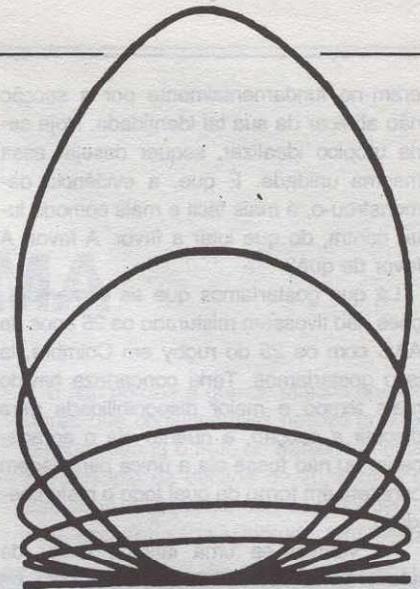
Não foram só os de cá, nem foram só os de agora ou os de antigamente. Foi gente do rugby, e sem ser do jogo, que lá nos sítios onde a vida os fixou mas onde o fetiche coimbrão os mantém dependentes, não resistiram ao chamamento e vieram (e, se mais não vieram foi porque o chamamento lá não chegou ou não foram chamados).

Foi gente que por ser do rugby, ainda que não da nossa Terra (espanhóis, ingleses, italianos, franceses) vieram porque o que estão sempre à espera é de um pretexto para virem e vêm sempre. Veio o CUC (Clermont Université Club) porque esse já faz parte da efeméride. Tinha cá estado em Abril de 1970, quando a AAC comemorou o 15.º aniversário e a malta de cá também já lá tinha ido, que mais não fosse, para comemorar os copos que então cá se tinham bebido.

Mas além dessa gente toda, que veio, estiveram todos aqueles que extravazada a fronteira da cidade fizeram do rugby um desporto de forte implantação regional, rompendo de vez com a ideia peregrina de ser a sua prática de difícil democratização.

Por isso, e porque só assim se tornava possível dar-lhe grau de envolvimento e de grandiosidade, as comemorações dos 25 anos da secção de rugby da AAC, fizeram parilha com os 25 anos de prática da modalidade em Coimbra (?), proporcionando ao Comité Regional a elaboração e execução de programa tão ambicioso.

Dizer que tudo correu muito bem, que todos se divertiram bastante e que tudo foi bestial é afirmação comum para situações semelhantes. Não foi para testemunhar factos ou relatar acontecimentos que o Toni me pediu este artigo de opinião. Participámos nas comemorações, como um dos tais de antigamente. Já sem a fogosidade e também sem a responsabilidade com que estivémos no 15.º aniversário da secção. Poderíamos, ao menos, sentir mais saudades. Ainda bem que não.



Sentimos apenas que aqueles 25 anos eram o resultado de um trabalho colectivo de muita gente, tanta gente que nem todos terão sido lembrados e alguns mesmo, terão sido, ingratamente esquecidos.

Nesse momento recordamos o que à 15 anos escrevíamos quando a 27 de Março preparávamos a festa de então!... «Foi ali, no chão duro e saibroso do campo de Santa Cruz, que pela primeira vez contactámos com a «esquipática» bola, cuja forma oval a tomava tão arisca qual jovem donzela a quem mimicamente se comunica amor.

A bola que saltita, a mulher que se furta. Terá sido esse paralelismo de imagens que em nós produziu tamanha propensão? Os amores fáceis são de duração efémera. Os difíceis, consolida-os o arrebatamento.

Antes de nós, depois de nós, outros jovens terão encontrado as mesmas ou outras motivações. O certo é que vieram, o certo é que caíram, o certo é que continuaram. Eis a secção.

Desporto, fonte inesgotável de juventude, de rebeldia, de agressividade, é-o, também, de irreverência, de contestação. Não pode haver dissociações num todo feito de interligações. Aí a secção de rugby da Académica terá sabido, como nenhuma outra escola, alicerçar as suas estruturas, estruturas que o acumular dos anos e das contingências jamais conseguiram dissociar da chamada dignidade dos princípios»...

Quase poderíamos ficar por aqui, no que toca ao pensamento sempre dinâmico que temos para as coisas colectivas, não fosse o respeito que devemos às instituições e à sua inserção na sociedade.

E se é bem certo que o vulgarmente designado «espírito da secção», que durante anos e anos fez juz a uma unidade em consonância de propósitos por parte dos seus membros, já que as condições de existência e funcionamento o eram adversas,



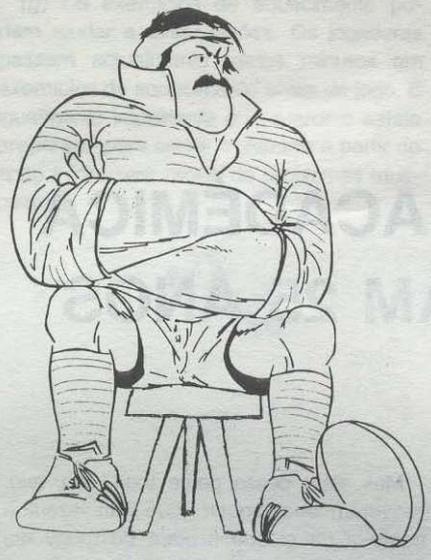
A equipa do W. P. Bramhope RUFC, vencedora do Torneio — Sagres-Saven a Side.

eram-no fundamentalmente por a secção não abdicar da sua tal identidade. Hoje seria utópico idealizar, sequer desejar essa mesma unidade. É que, a evidência demonstrou-o, é mais fácil e mais cómodo lutar contra, do que lutar a favor. A favor! A favor de quê?

Lá que gostaríamos que as comemorações não tivessem misturado os 25 anos da AAC com os 25 do rugby em Coimbra, lá isso gostaríamos. Teria concerteza havido mais tempo e maior disponibilidade para discutir a secção, e quanto ela o agradeceria, ou não fosse ela a única persinagem concreta em torno da qual todo o resto coexistiu.

Ao verificar-se uma latitude maior de acontecimentos foi o rugby que com os mesmos benefícios. o facto de nesta crónica ter havido uma maior incidência na apreciação do fenómeno caracterizador das instituições, foi-o por mera atitude do autor, que sempre, quando em presença de acontecimentos, teima em relacioná-los com a personalização dos mesmos.

Assim, hoje, e graças à «lendária» teimo-



sia e irreverência dos homens da AAC foi possível, em 1980, realizar um torneio internacional de veteranos e de «seven-a-side» e passar a incluir no calendário mundial a jornada anual de Coimbra, para onde, à semelhança de outras paragens, passarão a convergir as «velhas glórias» de todos os continentes. E, se também hoje, o Plano de Desenvolvimento do Rugby na zona centro é já o que é, isso não se ficou a dever aos projectos falaciosos dos palacianos da Sociedade Farmacêutica. Deve-se a homens iguais aos outros que sempre souberam adaptar as ideias aos projectos e estes às realidades concretas, prespectivando-os de forma correcta.

Pode dizer-se que em Coimbra não há lugar para «outsiders», o que quer dizer, que daqui a mais dois anos encontrar-se-á, nesta cidade, aberta a toda a uma região, a melhor estrutura de apoio ao desenvolvimento e funcionamento da prática da modalidade.

O desafio está lançado! Quem tem medo da concorrência?

A PARTIR DE NOVEMBRO:

“R-R” INICIA A PUBLICAÇÃO DE UMA SÉRIE DE 10 ARTIGOS DE AUTORIA DE DON RUTHERFORD, SOB AUTORIZAÇÃO DO “RUGBY POST”, SOBRE TÉCNICA INDIVIDUAL.

O Pilar será a primeira posição a ser aqui tratada.



SENIORES: QUASE TUDO NA MESMA

J. FRAGOSO MENDES

Muito poucas foram, infelizmente, as diferenças verificadas entre o modo como decorreu a época de 79/80 e a imediatamente anterior. Se em 78/79 houve a possibilidade de assacar as «culpas» aos rigores da invernia, já no que diz respeito à última temporada o sofrível nível atingido pelas equipas que militam na nossa I divisão não tem, à «priori», essa desculpa.

Na realidade, e uma vez mais, o rugby jogado em Portugal, no último ano, esteve longe, muito longe, mesmo, do que seria exigível. É um facto que as condições em que se pratica a modalidade entre nós não são brilhantes. Mas, cremos, podia-se ter jogado um pouco melhor. Vista à distância, uns meses largos após o final do «nacional», a época de 79/80 não deixou nos olhos um único jogo. Nem um, para amostrear. Disputaram-se largas dezenas de encontros para o campeonato e para a Taça e não haverá ninguém que possa afirmar que este ou aquele tenha sido um grande jogo de rugby.

É certo que nuns o nível foi o melhor — particularmente alguns em que interveio o CDUL — mas, de uma forma geral, as coisas estiveram, longe, muito longe, do desejável. Equipas mal preparadas fisicamente uma grande desorganização táctica (ou ausência completa de um objectivo dentro de campo) e falhas imperdoáveis a nível técnico foram, estamos em crer, responsáveis pela inferior qualidade do rugby desenvolvido. E a prova disso é que o

CDUL, o único conjunto «arrumado» que sempre que entrou em campo deu a sensação de ir com uma lição (boa ou má) estudada, «passeou-se» durante todo o campeonato, que acabou, logicamente, por vencer, sem derrotas.

E isto porque a grande maioria dos jogadores que constituem as nossas principais equipas são já o fruto do trabalho encetado no princípio da década de 70, a nível das camadas mais jovens. Isto é, são jogadores que, apesar da sua juventude, têm nas per-



Os campeões nacionais de 79/80: em pé — prof. Quim Pereira, Risques, Tomás Dentinho, Miguel Dentinho, Valsassina, Saraiva, Macieira, Pimentel, Carvalho, Bessa, Bernardo e Fernando Santos; em baixo — João Megre, Frois, Nuno Megre, Totas, José Megre, P. Magalhães, Stillwel, Carmona e Moita.

Todos temos conhecimento das dificuldades por que passa o rugby no nosso país. Sabemos que não temos técnicos de qualidade em número suficiente — se eles até nem chegam para as necessidades das oito equipas da I divisão — que nos faltam os campos, que nos falta o material, que nos falta tudo o que é básico, será, então, lícito exigir mais do que aquilo que foi feito? Muito sinceramente achamos que sim.

nas, nas mãos e na cabeça muitos «quilómetros» de rugby. Haverá alguns que, por isso, se consideram já sabedores de tudo, e que, portanto, dificilmente evoluirão, mas estamos em crer, a grande maioria poderá ainda chegar mais longe, sob todos os aspectos. Trata-se, agora, de uma questão de orientação — trabalho de responsabilidade dos poucos treinadores existentes que, por coincidência, ou não, são os responsáveis pelo aparecimento dessa geração de jogadores de nível aceitável — orientação essa que significa logicamente evolução. Pensamos que a estagnação por que passa o rugby português poderá ser superada desde que haja interesse em que isso suceda. Ao afirmarmos isto, estamos perfeitamente conscientes, repetimos, das dificuldades de toda a ordem por que passa o rugby em Portugal, mas, no entanto, pensamos que se a modalidade, ao seu mais alto nível, isto é, nas suas equipas mais cotadas, passar a ser encarada a «sério» mantendo, mesmo assim o seu rígido princípio de amadorismo — de que somos in-

CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	M—S	P
1.º CDUL	14	13	1	—	392-80	41
2.º Benfca	14	11	—	3	275-85	36
3.º Direito a)	14	9	—	5	239-142	31
4.º Académica	14	8	—	6	322-146	30
5.º Belenenses	14	6	—	8	161-202	26
6.º Agronomia	14	5	1	8	200-188	25
7.º CDUP a)	14	2	—	12	132-268	17
8.º Cascais a)	14	1	—	13	63-646	16

a) tem uma falta de comparência

transigentes defensores — poderá, então, atingir uma plataforma aceitável.

O CDUL E OS OUTROS

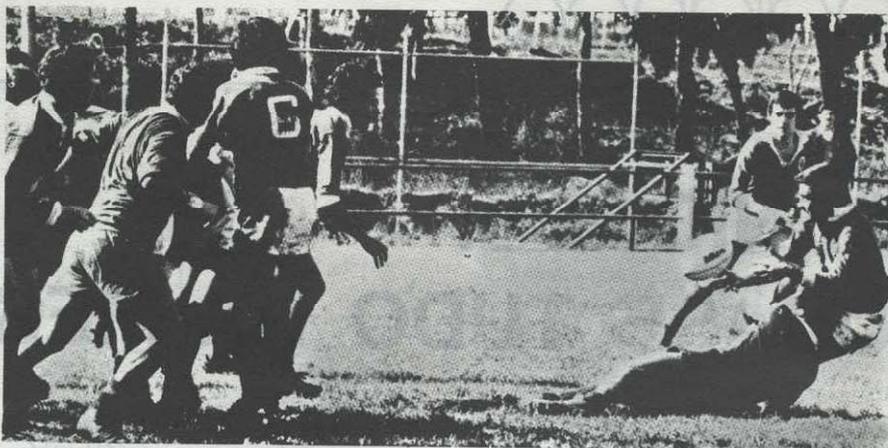
Como já referimos, o último «nacional» constitui como um «passeio» para o CDUL. Somente o Benfica lhe fez alguma oposição e, mesmo assim, apenas na luta pelo primeiro lugar, pois no confronto directo a vantagem dos «universitários» foi clara — nos três encontros disputados para o Torneio de Abertura e para o campeonato, averbaram três vitórias e o «score» total de 53-14.

A equipa campeã nacional, sem ser brilhante, conseguiu ser ainda assim, a mais regular e aquela que melhores exibições produziu. Começou algo incerta, mas a pouco e pouco foi-se impondo, confirmando em absoluto as previsões que a apontavam como principal candidata ao título. Um conjunto muito homogéneo, recheado de bons valores, sob o ponto de vista técnico, sem pontos que se possam considerar fracos, o CDUL é de longe a equipa mais equilibrada do rugby português. Os seus avançados, conquanto jovens e, até certo ponto, «leves», superam essas insuficiências pela sua técnica de conjunto, proporcionando às linhas atrasadas — de longe as melhores que existem no nosso país — o jogo necessário e suficiente para elas resolverem a seu favor as mais diversas situações.

Assim, não espantou que o título voltasse à posse dos «universitários». E se as coisas se mantiveram como na última época só muito dificilmente a equipa do professor Quim Pereira não deixará de reeditar a proeza este ano.

No que diz respeito às outras sete que tomaram parte na mais importante prova do nosso rugby pouco há a dizer. O Benfica foi igual a si próprio, isso é todas as deficiências de temporadas anteriores voltaram a manifestar-se: um bom «pack» avançado, uns médios razoáveis, e umas linhas atrasadas verdadeiramente impróprias para um conjunto com pretensões.

O que atrás fica dito para os «encarnados» assenta quase que perfeitamente à Académica. Os ex-campeões têm também um bom «pack» avançado — se bem que o consideremos um tanto inferior ao do Benfica — possuem um bom médio de formação, mas, daí para trás, a coisa complica-se. É certo que a equipa foi «mexida» em relação ao ano anterior e que para o final os «três- Quartos» de Coimbra apareceram em muito melhor plano, «prometendo» bastante. Mas no que diz respeito ao «grosso» da época esta Académica surgiu como que partida em duas. O triunfo na Taça de Portugal surgiu numa altura em que a equipa estava já mais equilibrada. Veremos se nesta época o que foi «prometido» no final da de 79/80 se confirma.



Foi na Luz, quando bateu o Benfica que o CDUL «começou» a ganhar o campeonato.

Direito, por seu turno, também não apresentou nada de novo. Obteve o terceiro lugar, que tem de considerar-se justo, mas a sua temporada foi decepcionante. Começou em bom plano foi decaindo, acabando perfeitamente de rastos. O encontro das meias finais da Taça, com a Académica provou isso mesmo. Equipa equilibrada, sem «vedetas» — se é que as há no rugby português — e capaz de alternar o bom com o medíocre.

Sem objectivos dentro de campo, o Direito, se se mantiver no trilho por que vem seguindo nos últimos anos, estará conde-

nado a não passar daquele conjunto (para uns simpático, para outros nem por isso) capaz de causar uns «sustos» e pouco mais.

O Belenenses, entretanto, sofre dos mesmos males que o Direito, embora, na última temporada, de resto tal como nas anteriores, de uma forma global, a sua equipa se tenha apresentado uns «furos» abaixo dos «advogados».

Agronomia, por sua vez, voltou a decepcionar. Assentando fundamentalmente a sua estrutura numa das melhores equipas juniores que surgiram nos últimos anos no rugby português, o conjunto da Tapada voltou a patentear insuficiências de toda a ordem, isto, porque, cremos, para lá daquela dúzia de bons jogadores não tem mais por onde escolher. E se esses, por este ou aquele motivo, não podem dar o seu concurso à equipa, as coisas complicam-se muito. Pode ser que, no futuro, Agronomia atinja a situação que lhe era vaticinada, mas para já, e pelo que fez ano passado não parece muito capaz de o conseguir imediatamente. No campeonato foi, porém, a única equipa que não perdeu com o CDUL — impôs-lhe um empate logo nas jornadas iniciais — e depois, na Taça, eliminou os então recentes campeões nacionais.

Finalmente, restam-nos o CDUP e o Cascais, conjuntos desde o início condenados aos dois últimos lugares, o que se confirmou. Os portuenses, globalmente melhor apetrechados que a equipa da Costa do Estoril não acrescentaram nada de novo às suas épocas anteriores. Um ou outro jogador acima da média, mas de uma forma geral, a equipa esteve longe dos outros seis parceiros do último campeonato. Quanto ao Cascais, a sua passagem pela I Divisão pode ter sido só, uma «aventura» interessante. Sem ritmo nem capacidade para o escalão principal, o Dramático poderá ter aprendido alguma coisa. Mas isso compensará tudo aquilo que os seus jogadores passaram, domingo a domingo, sofrendo derrotas por números incríveis?

CLASSIFICAÇÕES

II DIVISÃO

	J	V	E	D	P.
1.º Técnico	10	10	—	—	30
2.º RC Coimbra	10	7	1	2	25
3.º E. Amadora	10	4	—	6	18
4.º RC Barreiro	10	3	2	5	18
5.º Moitense a)	10	2	1	7	15
6.º S. Miguel	10	2	—	8	14
7.º Louletano b)	—	—	—	—	—

- A) tem uma falta de comparência
b) eliminado por ter averbado duas faltas

TAÇA FEDERAÇÃO (Fase Final)

	J	V	E	D	P
1.º CDUL B	6	4	—	2	14
2.º Benfica B a)	6	4	—	2	13
3.º Técnico B a)	6	2	—	4	9
4.º Belenenses Ba)	6	1	—	5	7

- a) tem uma falta de comparência

TAÇA DE PORTUGAL

1/2 FINAIS — CDUL B 10 — Belenenses 10;
Direito 0 — Académica 13
Final — Académica 23 — CDUL B 6

SELECÇÃO: QUE FUTURO?

PEDRO LYNCE DE FARIA *

De acordo com o plano previamente estabelecido, tem vindo a F. P. R. a intensificar a sua actividade internacional ano após ano.

Assim a equipa nacional de seniores realizou a sua primeira digressão pelas Ilhas Britânicas em Março passado, donde para além dos resultados obtidos, que já são do conhecimento geral, interessa, sobretudo, tirar ilações importantes, tanto do ponto de vista técnico como em relação ao apoio administrativo.

A maior parte das equipas que vimos defrontando, no que se refere ao seu valor, poderão considerar-se englobadas no escalão médio, o que de momento está perfeitamente correcto, se pretendermos testar os progressos reais do nosso rugby.

São equipas onde sobressai um excelente Índice Físico, o que, aliás, está bem patente nas formações ordenadas, nas jogadas de linha e na maneira rectilínea e poderosa com que as linhas atrasadas caminham para o ensaio, transmitindo ao jogo um ritmo veloz e demolidor, ainda que sob o ponto de vista técnico, tanto individual como colectivamente, apresentem algumas deficiências.

Esta observação não constitui para nós novidade, pois verifica-se uma tendência em sacrificar a execução técnica perfeita em função duma maior velocidade de execução, princípio que neste momento nos parece ser seguido pela maior parte das equipas.

Nesta perspectiva, quais são de facto as hipóteses duma equipa portuguesa a nível internacional? À «priori» são reduzidas, pois falta-nos a velocidade, a força e a altura, ainda que a técnica individual de alguns dos nossos atletas não desmereça em confronto com o de outros países, já reconhecido em diversos contactos internacionais. A juntar a esta característica, é de realçar o poder de criatividade do jogador português, que é, de facto, superior ao da maioria dos jogadores que temos encontrado.

Podemos contudo adiantar que, em nossa opinião, as duas características apontadas primeiramente, tanto a velocidade como a força, são susceptíveis duma melhoria, através duma intensificação do treino, o que é perfeitamente confirmado ao integramo-nos no esquema de preparação das equipas inglesas.

A altura do jogador português é na realidade um problema fundamental para as jogadas de linha. Pode-se, contudo, disfarçar com o recurso sistemático a «trouches» reduzidas, o que coloca geralmente a equipa adversária num estado de intranquilidade, exigindo da nossa equipa um treino aturado. De acordo com a situação acabada de descrever, interessa-nos sobretudo ganhar rapidamente, de modo a evitar o desgaste dos nossos avançados, entregá-las às linhas atrasadas, que deverão desenvolver o seu ataque fundamentalmente à mão com apoio constante dos avançados, tipo de jogo só possível quando o jogador nacional se encontra numa forma física excelente, o que sucedeu tanto em Hilversum — juniores, em 77 — como em Bucareste — «sub 21 anos», em 77.

Esta deficiência, juntamente com a falta de conjunto alardeado pelo «quinze» nacional e algumas falhas na execução técnica sob pressão, foram de facto os pontos mais fracos da selecção, na sua «estreia» em Inglaterra.

Deste modo, podemos concluir pela necessidade do jogador português cuidar mais da sua «forma» física, quer através de regularidade da preparação quer ainda por uma maior intensificação do treino, assim como da sua técnica individual, especialmente quando executada sob pressão. Por outro lado, se o nosso jogador pretende, de facto, continuar a defrontar equipas desta categoria, terá de rever determinadas posições pessoais, que se podem resumir no modo como encara o jogo, que vai desde o

empenho que demonstra nos treinos, até ao estado do material desportivo empregue, passando pela alimentação e repouso, assistência médica, ...pois sendo pormenores despercebidos, são fundamentais para quem tem interesse em competir a este nível.

Outro dos problemas referidos foi a falta de conjunto evidenciado pela formação nacional, bem expressa na pouca confiança demonstrada pelos jogadores, o que foi confirmado pelos próprios. Tal lacuna só é possível remediar se o calendário dos jogos internos contemplar a preparação da selecção nacional e pudermos dispor de instalações e meios adequados para treinar.

Por último falaremos do apoio administrativo. A boa vontade dos dirigentes, o trabalho incansável de uns tantos, já não é suficiente para o acompanhamento das equipas nacionais, que representam os diversos escalões etários, competindo a um nível mais elevado.

Claro está, que as correcções que se pretendem introduzir só são susceptíveis de dar frutos, se paralelamente se conseguir uma melhoria a nível dos técnicos e das arbitragens, e simultaneamente aumentar o número de recintos para a prática da modalidade.

Pensamos pois ter chegado a altura de definirmos concretamente o que queremos, tanto jogadores, como técnicos e dirigentes pois os erros agora apontados não são acidentais, mas frutos do rugby que temos. ■

* SELECCIONADOR NACIONAL.



O futuro da selecção em termos imediatos está nesta equipa de «esperanças», que na temporada passada bateu a Espanha, em Lisboa, por 11-9.

JUNIORES: POUCO BRILHANTES

O nível do rugby praticado em 79/80 pelas nossas equipas juniores, tal como em relação aos seniores, não foi brilhante. Antes pelo contrário.

Todos os defeitos que se apontam ao escalão superior têm para os mais jovens pleno cabimento. Foi muito fraco, com efeito sob todos os aspectos, o rugby jogado pelos juniores portugueses.

É certo que todas as insuficiências da modalidade se fazem sentir com particular acuidade neste escalão de transição, mas também aqui, crê-se que as coisas poderiam ter corrido melhor.

Como ponto positivo é de salientar o aparecimento em bom plano primeiro do Lousã e, depois, do CR Elvas.

Esta «intromissão» da chamada «provincia» poderá significar que, finalmente, o rugby chegou aos pequenos centros, onde está, não tenhamos dúvidas, o seu futuro.

O Lousã que, inclusivamente, disputou a fase final do «nacional», bateu-se, praticamente de igual para igual, com as restantes três formações que ali chegaram. Perdeu os seis encontros que disputou frente ao S. Miguel, Direito e CDUL, mas mostrou capacidades que, no futuro, poderão dar frutos.

O S. Miguel, muito justamente, conquistou o título nacional. Na realidade, mostrou-se ao longo da prova o «quinze» mais equilibrado e que, sem ser brilhante, formou o melhor conjunto. Direito, por seu turno, segundo classificado, com os mesmos

pontos do campeão, esteve sensivelmente ao mesmo nível, com a desvantagem de não formar uma equipa tão «arrumada» e certa como o seu mais directo adversário. Muita indisciplina e um certo desequilíbrio entre avançados e três quartos — aqueles superiores a estes — ter-lhe-ão roubado a hipótese do título. De qualquer forma, estas duas formações sem a exuberância de outras, de épocas anteriores, de uma forma geral, pela sua técnica e capacidade sobressairam das demais. Tanto numa como noutra, jogadores há que, se não se perderem pelo caminho, têm todas as possibilidades de atingir um plano de razoável evidência entre nós.

Em nível um pouco inferior, destaque, também, para o CDUL, Lousã, Benfica, Belenenses, Académica, Elvas e Cascais. Dos jogos que vimos, e foram alguns, ao longo da temporada, estes os «quinzes» que, francamente, melhor impressão deixaram.

Mas como já referimos todos eles se situam em plano que temos que considerar modesto. E nem é preciso recorrer a exemplos extremos, como o seria o das equipas de Agronomia e do CDUL de 76/78. Essas foram excepções no nosso pobre meio, mas que provaram ser possível fazer algo de positivo entre nós.

SELECÇÃO AO NÍVEL DOS CLUBES

Logicamente, se a nível de clubes as coi-

sas não andaram bem, no que diz respeito à selecção, também não. Sem «ovos não se fazem omeletas» diz um velho ditado, e, no caso vertente, seria, com efeito, difícil fazer mais do que foi feito pois a «matéria prima» não abundava.

Já o dissémos e repetimo-lo: a selecção junior de 79/80 foi a mais fraca de quantas se apresentaram internacionalmente, desde sempre. Mesmo inferior à que disputou o Torneio da FIRA de Lisboa. É certo que conseguiu resultados interessantes na Tunísia, (onde não estivémos) mas isso não altera em nada a impressão que a selecção nos deixou.

Um «pack» avançado de nível aceitável, não compensou, porém, umas linhas atrasadas francamente fracas, diremos mesmo sem categoria. E o resultado disso viu-se nos jogos de preparação realizados antes da partida para o Torneio FIRA e no Portugal-Espanha, de 24 de Fevereiro.

Com efeito, nesse jogo a equipa mostrou em pleno todas as suas insuficiências, perdendo por claros 49-6. Nem os avançados se salvaram! Sem esse apoio fundamental os três quartos «afundaram-se» por completo, defendendo mal — o posicionamento no terreno talvez tenha sido o maior responsável pelo descalabro — sem acutilância e sem determinação. Essa falta de «chama» talvez seja, até, o ponto mais negativo da equipa. É que não saber jogar, ou fazê-lo deficientemente, ainda se aceita — nem todos podem ser bons jogadores. Mas actuar de forma tão descolorida, tão pouco determinada já não se desculpa.

Depois, na Tunísia as coisas melhoraram, mas de uma forma geral o nível exibicional não subiu. A garra e determinação essas sim. O «quinze» nacional melhorou sob esse aspecto. Frente à URSS a derrota foi natural, mas por números que espelham uma diferença grande de poder e de «andamento» (0-52) e, depois, com a Roménia a selecção terá realizado o «jogo da sua vida», perdendo, é certo (20-10), mas redimindo-se exibicionalmente do desaire anterior. Finalmente com a RFA — equipa do nosso nível — o triunfo (11-7) acabou por premiar o conjunto nacional, finalmente a dar um «ar da sua graça».

No computo geral, portanto, uma «campanha» sobre o fraco, mas aquela que era possível. E é bom não esquecer que uma selecção representa normalmente o nível do jogo praticado no país que representa. ■



O despique entre S. Miguel e Direito animou a fase final do «nacional» de juniores. Na foto fase do jogo que os campeões nacionais ganharam e que acabou por valer o título.



A selecção de juvenis esteve em bom plano no jogo com a Inglaterra, disputado em Twickenham, a que se refere a imagem.

JUVENIS: SELECÇÃO EM BOM PLANO

PEDRO SOUSA RIBEIRO

O aspecto mais assinalável na época de 70/80, no que diz respeito ao sector mais jovem, foi a primeira vitória obtida, desde sempre, a nível internacional, pelo rugby juvenil português. E esse triunfo aconteceu em Fevereiro, quando a selecção nacional bateu a Espanha em Lisboa, por 13-9.

Além deste jogo realizou-se, também, o já tradicional intercâmbio com a Inglaterra, cabendo, nesta época, à selecção Portuguesa deslocar-se àquele país britânico. E também aí, a acção da equipa nacional foi positiva, obtendo resultados aceitáveis. E digo aceitáveis e não bons pois, para que assim acontecesse, faltou a marcação de pontos. De qualquer modo uma derrota pela diferença de seis pontos contra a forte equipa do Southern Counties e por 30 frente à Inglaterra, no «templo» de Twickenham, são resultados aceitáveis, e os melhores de sempre obtidos por Portugal na categoria.

Não estivemos presentes aos jogos em Inglaterra, mas da observação do jogo com a Espanha e por informações obtidas em relação aos primeiros, as características que a equipa demonstrou foram semelhantes. Uma razoável estruturação, fruto de trabalho acertado da equipa técnica responsável, caracterizando-se por um excelente espírito de luta e de determinação. Teve como ponto forte uma boa defesa, centrada quer no aspecto individual quer a



Esta selecção de juvenis que, na temporada passada venceu a Espanha, por 13-9. Em pé: Seruca, Oliveira, Martins, Esteves, Carapuço, Paixão, Rebelo, Ferreirinha, Costa, Pedro Ferreira, Terra e Gabriel; em baixo — Lupi, Bernardo, Amorim, Reis, Garcia, V. Almeida, Nabais, Dias, Gomes e Henrique.

nível colectivo. Aliás, pareceu-nos, que um dos factores importantes na escolha de jogadores foi a sua capacidade de defender, o que se afigura correcto, tendo em conta os adversários que nos competia defrontar, sabendo-se, também que jogador que não defende não poderá ser nunca um jogador completo.

Mas há que atacar sabendo utilizar as bolas conquistadas, em boas condições, pelo bloco de avançados. E, aí a equipa falhou, principalmente por dois defeitos essenciais: má actuação do par de mádios, particularmente do «formação», e deficiente jogo ao pé — a rapidez de execução e a

imaginação demonstradas pelos «três quartos» mereciam mais e melhores bolas atacantes.

A finalizar, um ponto a rever futuramente: após a marcação de um ensaio, no jogo com a Inglaterra, alguns jogadores portugueses protestaram junto do árbitro pois alegavam que o seu adversário havia estado fora do terreno de jogo. Os observadores ingleses mencionaram este facto como «comportamento negativo», e foi-o de facto. Há que convencer os jogadores que as decisões do árbitro só a ele dizem respeito e, em caso algum, poderão ser contestadas. O que sucedeu é particularmente grave a nível de uma selecção nacional e, especialmente, em Twickenham.

EPOCA DESOLADORA A NÍVEL INTERNO

Mas foi esta positiva acção internacional reflexo de uma actividade nacional e local regular, continua e estruturada?

Assim não aconteceu, e há que aceitar que as acções nacionais foram descontínuas, mal planificadas e, muitas das vezes, improvisadas.

Mas tentemos dar uma ideia do que foi a temporada nacional. Para isso valemo-nos de informações pessoais obtidas e de alguma, pouca, observação directa. E há que registar a completa falta de informação neste campo quer da Federação quer dos comités regionais. Um ponto importante a ter em conta no futuro.

A actividade local teve por base as áreas de influência dos comités. Mas, Lisboa e

Coimbra à parte, ela ou foi inexistente (Norte e Algarve) ou foi esporádica (Satúbal e Elvas).

No caso do CRR do Centro-Coimbra devido à dispersão de equipas na área de influência que cobre, a actividade baseou-se na realização de torneios com jornadas concentradas.

Em Lisboa foram organizados os já tradicionais torneios de Outono, Inverno e Primavera (tendo participado neste último equipas do CRR de Setúbal). Estas provas que se realizam quase exclusivamente na área do Estádio Nacional foram constantemente interrompidas, com adiamentos consecutivos, por vezes em cima da hora. Adiamentos esses forçados, por vezes pela Comissão Directiva do Estádio Nacional e outras pela FPR, sobrepondo-se ao CR de Lisboa, dando prioridade aos juniores, em detrimento dos escalões inferiores.

É bom não esquecer que descontinuidades na realização das provas e na sua sequência normal são factores importantíssimos na desmotivação dos jovens praticantes, numa fase em que eles ainda não estão suficientemente fixados ao rugby, podendo-se, assim, perder, talvez irremediavelmente, largas camadas de jogadores).

Ainda em Lisboa, no escalão Infantil, notou-se uma ligeira descida de nível técnico, em comparação com o ano anterior, sendo a equipa do S. Miguel aquela que se apresentou com maior capacidade.

Nos Iniciados, que localmente jogaram a variante de «9», apareceram quatro ou cinco equipas de nível aceitável: Agronomia, Be-

lenenses, Cascais CDUL e Técnico, que denotaram progressos.

Nos Juvenis, que sofreram com a passagem a junior de vários elementos, Be-lenenses e S. Miguel mostraram-se superiores às outras equipas, seguidos, de perto, por Agronomia, CDUL e Técnico.

Ainda em Lisboa, e no que diz respeito à arbitragem deve dizer-se que foi completamente descurada, deixada ao acaso. De registar apenas a contínua presença e excelente dedicação que foi (é) José Sampaio neste sector. Há que fazer algo aqui! Por que não designar um ou dois árbitros por sábado e domingo, para dirigir estes jogos, mesmo à custa de eventuais faltas nos jogos de juniores e seniores? Em Coimbra graças ao esforço feito no desenvolvimento da arbitragem juvenil as coisas foram um pouco melhores.

Quanto à actividade inter-regional, realizaram-se os já tradicionais Torneios da Páscoa, em Iniciados e Juvenis, mantendo-se a também tradicional superioridade de Lisboa.

Não se disputou qualquer torneio nacional a nível de clubes, em Juvenis, contrariando-se o decidido no II Encontro Nacional de Rugby, realizado em Évora, em Junho de 1979. Porquê? É um passo a dar com urgência, concentrando os jogos num único local num ou dois fins de semana.

Uma última palavra para registar a continuação do já tradicional intercâmbio Coimbra-Valladolid, com duas jornadas, uma em cada cidade. Uma acção a continuar, a incentivar e... a copiar. ■

cartas

ESCREVA CONNOSCO!

«RUGBY-REVISTA», como no princípio referimos., pretende ser uma publicação «viva». E não somente na «vivacidade» do seu conteúdo. O contacto com o público leitor é de fundamental importância. Ainda para mais, tratando-se, como se trata, de uma publicação especializada, nada melhor do que a escrita, do que a carta., para o estabelecimento de uma ligação fundamental entre «quem-faz» e «quem-lê».

Por isso ESCREVA-NOS. Esta página pertence-lhe!

A supestão (muitas haverá por certo); as críticas (idem); as perguntas sobre os mais diversos temas que o Rugby suscita, têm perfeito cabimento, aqui, nesta SUA secção.

Dirija a sua correspondência para:

RUGBY-REVISTA

RUA AUGUSTO GIL, 12-2.º Esq.

1 000 LISBOA

o número **2**

de

RUGBY
REVISTA

é posto à venda

no dia

22 NOVEMBRO

nos locais seguintes:

lisboa - est. univers./havaneza
avenidas (av. duque d'ávil
la, 32)

coimbra-est. univers./clube rugby
e nos comités

assine

RUGBY REVISTA

Preencha o cupão, recorte-o e envie-o
juntamente com o seu cheque ou vale do correio, para:
RUGBY - REVISTA
Rua Augusto Gil, 12 - 2º Esq.
1000 LISBOA



QUERO ASSINAR RUGBY - REVISTA

NOME: _____

IDADE: _____ PROFISSÃO: _____

MORADA: _____

4 Numeros - 140\$00

8 Numeros - 280\$00

JUNTO ENVIO A IMPORTÂNCIA
EM CHEQUE
VALE DO CORREIO

**RECEBA
EM SUA CASA**

rugby - revista

**PONTUALMENTE
E SEM MAIS INCÔMODOS**

RUGBY

REVISTA

ÉPOCA JÁ ARRANCOU

O fim de semana de 11 e 12 de Outubro marcou o arranque da época com a disputa das jornadas iniciais dos torneios de Abertura e de Apuramento.

No que diz respeito ao primeiro — que agrupa os seis melhores classificados do último «nacional» da I divisão, CDUL, Benfica, Direito, Académica, Belenenses e Agronomia, os «encarnados» conseguiram o resultado do dia, ao baterem a Académica, em Coimbra, por 18-14. Agronomia, por seu turno venceu dificilmente (mas bem) o Direito — jogo a que se refere a imagem — por 10-9. E o CDUL derrotou o Belenenses por 15-11.

Entretanto, para o Torneio de Apuramento — uma espécie de «liguilla», que determinará os restantes dois concorrentes ao próximo «nacional» da I divisão — o Técnico (1.º da II divisão em 70/80) venceu o RC Coimbra (o 2.º), por 22-9, e o CDUP (7.º da I divisão em 79/80) recebeu e bateu o Cascais (8.º), por 44-7.

